Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Sábado 20.7.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 702 / € 2,00 / Direção interina Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)

DOIS MIL ESTÃO À ESPERA DE UM RIM. TEMPO MÉDIO CHEGA AOS CINCO ANOS

DIA NACIONAL No final de 2023, havia 1881 doentes à espera de um transplante de rim. Mesmo assim, Portugal tem a quinta melhor taxa de transplantação da Europa nesta área. Mas quem já doou diz que faltam campanhas de informação à população e faz um apelo: "Pense em doar." PÁGS. 14-15



REPORTAGEM
UM COMBOIO PORTUGUÊS AJUDA A TIRAR 18 MIL CAMIÕES ESPANHÓIS DA ESTRADA POR ANO

DINHEIRO VIVO

CDS 50 ANOS MUDAM-SE OS TEMPOS, MUDAM-SE OS CERCOS, OS CENTRISTAS TENTAM MANTER A CONFIANÇA PÁGS. 4-5

Atletismo
Associações de Lisboa e Setúbal questionam inscrição de Pichardo PÁGS. 22

Gouveia e Melo
"Os chefes militares eram mais do tipo *Português Suave*" PÁG. 10

Orçamento do Estado
PS sem "medo de eleições" e aberto ao diálogo. Chega assinala "atitude positiva" da AD PÁG. 8



FALHA DE ATUALIZAÇÃO DE CIBERSEGURANÇA LANÇA CAOS NO MUNDO PÁG. 13

Questionário de Proust do ChatGPT
Pedro Marques Lopes

COLUNISTA E COMENTADOR

"Gostava de jogar futebol como o Maradona e contribuir para que o FCP ganhasse sempre"



PÁG. 16



Até ver...

Pedro Sequeira
Editor Executivo do Diário de Notícias

E um T2 na Arrentela com vista para o Lidl?

No verão de 2020, o primeiro em pandemia, senti genuinamente que devia dar resposta positiva ao apelo que era dirigido aos portugueses para fazerem férias no próprio país. Na altura, o impulso foi o de concretizar um desejo já antigo, fazer a Estrada Nacional 2, e o resultado foi uma viagem inesquecível pelo interior de Portugal. Mas não foi só isso: desta travessia também resultou a convicção de que deveríamos, em família, nos anos vindouros, com o tempo e a tranquilidade que os períodos de férias proporcionam, explorar mais a fundo toda a riqueza e variedade de património natural e histórico que o país tem para oferecer, em vez de colecionarmos destinos além-fronteiras.

Nos anos seguintes, ao pesquisar destinos de praia em território nacional, um dos aspetos que mais me impressionou foi o custo estupidamente alto para uma estadia no Algarve no verão, principalmente tendo em conta que umas centenas (ou meras dezenas) de quilómetros ao lado, na costa sul de Espanha, existiam ofertas muito mais em conta, em alguns casos por menos de metade do valor, para alojamentos similares na tipologia ou serviços prestados. A começar pelo meu caso concreto, não tenho dúvidas de que a escalada de preços no Algarve está a afastar muitos portugueses da região. A imagem típica de uma família a chegar ao Algarve de carro, com a bagageira quase a rebentar, para uma semana de férias, ameaça tornar-se, aos poucos, cada vez mais rara.

Não se trata apenas de a estadia ser hoje mais dispendiosa. É também o custo de vida na região que é mais elevado, principalmente na época alta. Nas principais conclusões do relatório anual do Instituto Nacional de Estatística (INE) sobre a atividade turística em Portugal, referente a 2023, pode ler-se que o Algarve foi ultrapassado pela Região Norte no que diz respeito ao número de dormidas dos turistas residentes no país. Além disso, no que concerne a deslocações dos residentes em território nacional o Algarve caiu para quinto destino, sendo ultrapassado pelo Alentejo. Refira-se que tanto o número de dormidas como o de viagens de residentes subiu na globalidade do país em relação a 2022, mas houve três regiões que registaram decréscimos nos dois parâmetros: Açores, Madeira e... Algarve.

Há hoje um (pertinente) debate em curso sobre a forma como o turismo descontrolado prejudica o ambiente, diminui a quantidade de casas disponíveis para habitação e faz aumentar o preço das rendas e do custo de vida para os residentes. Discute-se também a necessidade de encontrar um modelo sustentável que saiba potenciar a riqueza que a atividade gera, transformando-a em benefícios concretos para toda a população (e não apenas para quem está ligado ao setor), sendo inegável a importância que o turismo tem para a economia do país na criação de emprego e oportunidades de negócio. Mas poucas vezes se fala do impacto que o turismo de massas tem no próprio turismo interno, afastando os cidadãos nacionais dos destinos de férias que se habituaram a frequentar durante décadas.

Há uns anos, durante uma conversa sobre planos para férias e respetivos preços, um amigo cunhou uma expressão que ainda hoje utilizamos: "Se tudo falhar, podemos sempre alugar um T2 na Arrentela com vista para o Lidl." À data que escrevo esta crónica, uma consulta rápida num dos maiores *sites* mundiais de reservas permite encontrar nas imediações da Arrentela (povoação do Município do Seixal) um "quarto familiar com casa de banho partilhada", com cama de casal e duas individuais. Infelizmente, ao contrário do que o meu amigo idealizava, não tem vista para o Lidl. Nem aceita animais de estimação. Mas, segundo a descrição do proprietário, tem "*wi-fi* de alta velocidade", "área de jantar *estilosa*" com "decoração clássica, incluindo um candelabro *vintage*" e cozinha com "equipamentos modernos como micro-ondas". Seis noites, logo na primeira semana de agosto, ficam por 383 euros (com desconto) – a título de comparação é quase tanto como um estudante paga, mas por mês, para alugar um quarto em Portugal (um valor, já por si, muito alto e que não para de aumentar, estando a média nacional em 397 euros/mês, segundo a última atualização, em junho, do Observatório do Alojamento Estudantil).

Se 2023 foi ano de recorde de visitantes a Portugal, superando os máximos históricos de 2019, a verdade é que 2024 vai pelo mesmo caminho. Nos primeiros cinco meses do ano foram registados 11,3 milhões de hóspedes e 27,7 milhões de dormidas, o que equivale a subidas de 5,3% e 4,4%, respetivamente, face a igual período de 2023.

À boleia dos hóspedes estrangeiros e do aumento dos preços, os proveitos totais do aposento turístico atingiram 1,6 mil milhões de euros (mais 11,9% face ao período homólogo). Pelo andar da carruagem, qualquer dia, ao residente nacional que queira (e possa) fazer férias no país já nem a Arrentela servirá de plano B.

OS NÚMEROS DO DIA

25

POR CENTO
dos menores na União Europeia encontravam-se em risco de pobreza ou exclusão social, no ano de 2023, segundo dados d o Eurostat.

1

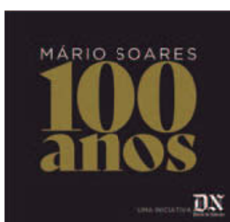
MEDALHA´ DE BRONZE
foi conquistada ontem pela dupla de canoístas Inês Penetra e Beatriz Fernandes na prova de C2 500 metros nos Mundiais de Sub-23, o primeiro pódio de Portugal em Plovid, Bulgária.

4

EUROS
Valor da proposta aprovada ontem pela CM Lisboa para a nova taxa turística de dormida em Lisboa, a entrar em vigor em setembro, mas que ainda terá de ser submetida à Assembleia Municipal. O valor atual é de dois euros.

11

ESTÁDIOS
O número de sedes que a Federação Espanhola de Futebol elegeu – e enviou para a FIFA – para receber o Mundial2030, com Vigo e Valência de fora. Os outros organizadores terão direito a nove – Marrocos com seis e Portugal com três (Luz, Alvalade e Dragão).





20.7.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

CDS 50 ANOS

Mudam-se os tempos, mudam-se os cercos, os centristas tentam manter a confiança

POLÍTICA Recuperar eleitores aos novos partidos, afirmar um espaço próprio na sociedade portuguesa e evitar ficar dependente do PSD são desafios que o CDS precisa de superar para poder festejar mais 50 anos. Terceiro partido que mais governou em Portugal luta pela relevância.

TEXTO **'LEONARDO RALHA**

É no Palácio de Cristal, onde o CDS fez o primeiro congresso, a 25 e 26 de janeiro de 1975, com os militantes e os convidados estrangeiros cercados por militantes de extrema-esquerda, que os centristas vão assinalar o 50.º aniversário do partido. Mudaram-se os tempos, o PREC serve para debates parlamentares de pendor histórico, e os centristas anunciaram que "o evento assumirá o formato de um *sunset*", com Nuno Melo a fazer o encerramento às 18.00 horas, mas a ameaça do cerco permanece. Só nada tem a ver com jovens, com barba por fazer, a gritar contra alegados fascistas.

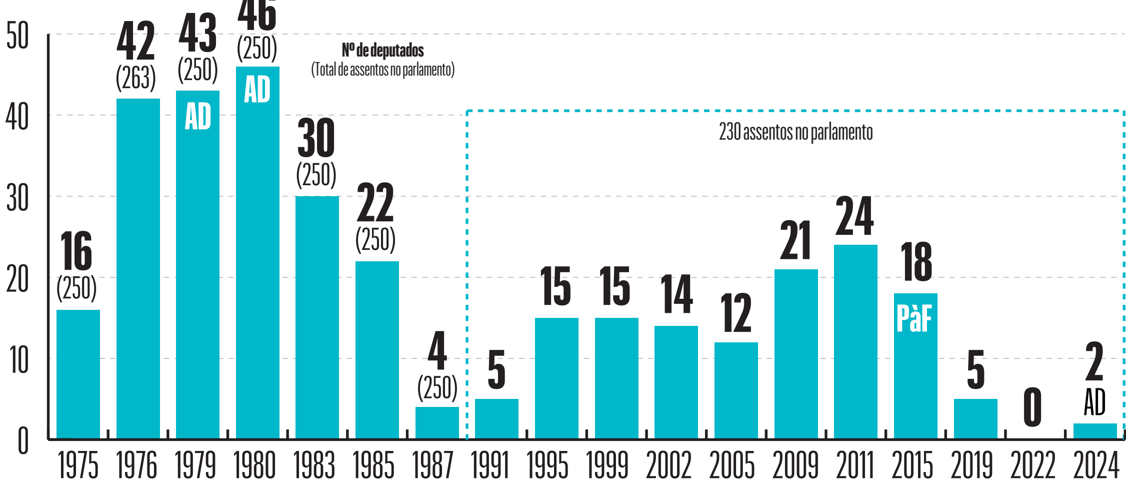
Regressado neste ano à Assembleia da República e ao Governo, de onde tinha saído desde, respetivamente, 2022 e 2015, o CDS tem agora dois deputados (Paulo Núncio e João Almeida), um ministro (Nuno Melo) e dois secretários de Estado (Álvaro Castelo Branco e Telmo Correia). E ainda uma eurodeputada acabada de eleger (Ana Miguel Pedro), bem como dois deputados regionais nos Açores e outros tantos na Madeira. Mas apenas os dois últimos foram eleitos em lista própria, após o corte com o PSD de Miguel Albuquerque antes das eleições antecipadas de 26 de maio.

O receio de que o CDS se torne o complemento direto do PSD, parceiro de governação privilegiado ao longo de décadas – após uma curta experiência ao lado do PS, no II Governo Constitucional, os centristas juntaram-se aos sociais-democratas na Aliança Democrática, no pós-guterrismo, no pós-socratismo em tempos de *troika* e no atual Executivo de Luís Montenegro –, é um dos problemas que se colocam ao partido no momento em que atinge o meio século. Mesmo a nível autárquico, além de seis câmaras municipais mantidas em listas próprias (das quais três têm presidentes que não se podem recandidatar em 2025, por limitação de mandatos), o CDS é parceiro de coligação em 41 câmaras lideradas pelo PSD (incluindo Lisboa, Cascais, Braga, Coimbra, Aveiro e Faro) e ainda no Porto, onde apoia o movimento de cidadãos de Rui Moreira.

Apesar de considerar que as Autárquicas do próximo ano são "muito importantes para a afirmação própria do partido", o ex-presidente centrista José Ribeiro e Castro vê como "natural que se repitam listas em coligação e listas próprias". E, face a recorrentes menções ao risco de o CDS se tornar um equivalente ao que o PEV



Os centristas no Parlamento desde 1975



tem sido para o PCP, recorda que em 1980, após a morte de Sá Carneiro e Amaro da Costa em Camarate, "era voz corrente que a Aliança Democrática (AD) seria institucionalizada". Algo que admite ter sido uma possibilidade se a coligação Portugal à Frente tivesse podido governar após as Legislativas de 2015, em vez de ser substituída pela *geringonça* que arrancou o ciclo de António Costa.

"É um cenário que não se pode pôr de parte, mas enquanto for partido autónomo deve zelar pelas posições autónomas", diz, reconhecendo o bom trabalho do atual grupo parlamentar para que tal objetivo se cumpra.

Por seu lado, o ex-ministro e dirigente centrista Pedro Mota Soares defende que, mesmo tendo recuperado a representação parlamentar integrado na AD, o CDS "está no Parlamento a representar eleitores por mérito próprio".

Referindo-se ao desaire de 2022, quando a liderança de Francisco Rodrigues dos Santos não elegeu qualquer deputado, pela primeira vez na história do partido, garante que "muitos valores não estiveram representados" na Assembleia da República.

Numa conjuntura em que o "partido democrata-cristão aberto a liberais e a conservadores", como o descreve Mota Soares, tem o Chega e a Iniciativa Liberal (IL) a disputarem-lhe eleitorado, com os liberais a poderem alterar o equilíbrio de poder no centro-direita ao entrarem nas coligações autárquicas encabeçadas pelo PSD, o CDS necessita de manter o "espaço próprio na sociedade portuguesa". "Faz falta à democracia, e ao pluralismo, um partido que preza a justiça social e a criação e distribuição de riqueza", defende o ex-ministro.

De igual forma, Ribeiro e Castro advoga como estratégia de afirmação uma agenda centrada em temas ligados à família, trabalho, Saúde e Educação. Mas faz distinções entre os novos partidos, pois considera que a IL "até pode melhorar a cobertura do espaço político", mas vê no Chega "um partido que não serve para nada".

Arco da governação

Olhando para cinco décadas de história do CDS, Ribeiro e Castro parafraseia Ortega y Gasset, ao dizer que "os partidos são eles e as suas circunstâncias", destacando no percurso de um CDS nascido para ser rigorosamente ao centro, a forma como derivou para a direita após a ilegalização de outros partidos durante o PREC. Por seu lado, Mota Soares destaca o voto contra a Constituição, por ter sido uma afirmação de que "Portugal não estava condenado a ser uma República na direção do socialismo".

Outro património que os centristas acreditam ser um trunfo para combater os novos cercos é o estatuto de terceiro partido que mais governou Portugal, desde os seus primeiros ministros, no segundo Governo de Mário Soares, que o elevou ao "arco governativo", até às muitas coligações com o PSD, tendo o atual líder, Nuno Melo, no Ministério da Defesa.

"Ao CDS nada foi dado e tudo foi conquistado", diz Mota Soares, antecipando que assim continuará a ser.



II GOVERNO
VÍTOR SÁ MACHADO (Neg. Estrangeiros)
RUI PENA (Ref. Administrativa)
BASÍLIO HORTA (Comércio e Turismo)

VI GOVERNO
FREITAS DO AMARAL (PM interino, vice-PM e Neg. Estrangeiros)
ADELINO AMARO DA COSTA (Defesa)
MORAIS LEITÃO (Ass. Sociais)
BASÍLIO HORTA (Comércio e Turismo)
JOÃO PORTO (Habitação e Obras Públicas)

VII GOVERNO
BASÍLIO HORTA (Adjunto do PM)
AZEVEDO COUTINHO (Defesa)
MORAIS LEITÃO Finanças e Plano
BAYÃO HORTA (Indústria e Energia)
LUÍS BARBOSA (Habitação e Obras Públicas)

XV GOVERNO
PAULO PORTAS (Estado e Defesa)
CELESTE CARDONA (Justiça)
BAGÃO FÉLIX (Segurança Social e Trabalho)

XVI GOVERNO
PAULO PORTAS (Estado, Defesa e Ass. do Mar)
BAGÃO FÉLIX (Finanças)
LUÍS NOBRE GUEDES (Ambiente e Ord. Território)
TELMO CORREIA Turismo

XIX GOVERNO
PAULO PORTAS (Vice-PM, Estado e Neg. Estrangeiros)
ANTÓNIO PIRES DE LIMA (Economia)
ASSUNÇÃO CRISTAS (Agricultura, Mar, Ambiente e Ord. do Território)
PEDRO MOTA SOARES (Solidariedade e Seg. Social)

XX GOVERNO
PAULO PORTAS (Vice-PM)
MIGUEL MORAIS LEITÃO (Economia)
ASSUNÇÃO CRISTAS (Agricultura e Mar)
PEDRO MOTA SOARES (Solidariedade, Emprego e Seg. Social)

XXIV GOVERNO
NUNO MELO (Defesa)

por Carlos Ferro





J. D. Vance com a mulher, Usha Vance, na convenção onde foi nomeado como candidato a vice-presidente de Donald Trump.

EPA / SHAWN THEW



O momento em que Donald Trump foi levado do palco pelos elementos dos Serviço Secretos após ter sido atingido.

EPA /DAVID MAXWELL



A seleção de Espanha foi ovacionada por milhares de pessoas no percurso que a Campeã da Europa cumpriu pelas ruas de Madrid.

Sáb.

Um atentado falhado que põe em xeque os Serviços Secretos dos EUA

Uma enorme falha de segurança quase provocava o quinto assassínio de um presidente dos Estados Unidos, neste caso de um ex-presidente que tenta uma segunda eleição. Donald Trump acabou ferido sem gravidade numa orelha por um atirador que conseguiu instalar-se no cimo de um edifício a pouco mais de 100 metros do palco em Butler (Pensilvânia) onde participava no Butler Farm Show. Enquanto falava, num discurso forte contra a imigração, o candidato republicano às Eleições Presidenciais de novembro foi o alvo de Thomas Matthew Crooks, um jovem de 20 anos, cujas motivações para a sua ação não foram encontradas pelos investigadores.

Do tiroteio resultaram dois mortos – o atirador, abatido pelos *snipers* dos Serviços Secretos – e um bombeiro que protegeu a família e acabou por ser atingido.

Na História dos EUA quatro presidentes em exercício foram assassinados – Abraham Lincoln (1865), James A. Garfield (1881), William McKinley (1901) e John F. Kennedy (1963). E dois, além de Trump, foram feridos: Ronald Reagan, enquanto estava no cargo (1981), e o ex-presidente Theodore Roosevelt (1912).

Dom.

Um país em festa liderada por dois jovens

Em Espanha o futebol foi ainda mais rei neste domingo. De nada valeu a vitória de Carlos Alcaraz no torneio de ténis de Wimbledon (a quarta conquista de um *Grand Slam* e a segunda em Inglaterra) pois o foco dos espanhóis estava no futebol e na final do Europeu que a seleção jogava com a Inglaterra. E à noite a festa "explodiu" com o triunfo, por 2-1, e a conquista do quarto Campeonato Europeu de Futebol sénior. No meio dos festejos e elogios, o maior destaque acabou por ser para dois jovens atletas: Nico Williams e Lamine Yamal que, curiosamente até fazem anos em dias seguidos – o primeiro completou os 22 no dia 12 de julho e o melhor jovem atleta do torneio festejou o 17.º aniversário a 13, véspera da final. Em comum têm também o facto de serem filhos de imigrantes, existindo outros casos na seleção, e de manterem uma grande amizade. São eles o rosto da diversidade que existe em Espanha – ambos vêm de famílias de imigrantes de África –, ao ponto de terem feito mais pela união do país do que muitas campanhas publicitárias.

2.ª

Ter os inimigos por perto. A tática de Trump?

Dois dias depois de ter sido alvo de uma tentativa de assassínio – a que escapou apenas com um ferimento na orelha direita –, Donald Trump divulgou o nome do seu vice-presidente. A escolha recaiu sobre James David Vance (mais conhecido como J.D. Vance), senador pelo Estado de Ohio desde 2022. J.D. nem sempre foi apoiante do antigo presidente e agora candidato. Logo após ser conhecida a sua indigitação surgiram alguns comentários seus sobre o seu "chefe" como estes: "Nunca serei apoiante de Trump"; "Nunca gostei dele". Certo é que mudou de ideias e agora aceitou e terá de lidar de perto com a pessoa de que não gostava. Já Trump, das duas uma: ou não quer saber qual a opinião de J.D. Vance sobre si, ou adotou a teoria de que devemos manter os amigos sempre por perto e os inimigos ainda mais perto. Ou então, não é nenhuma das duas e só Trump poderá explicar a razão de ter escolhido o homem que Joe Biden (presidente dos EUA e também novamente candidato) já catalogou como "um clone de Trump".

O futuro nos dirá como será a relação entre os dois republicanos.

3.ª

Um rapaz feliz que quis imitar o ídolo: *"Hala Madrid!"*

Oitenta e cinco mil pessoas assistiram no Estádio Santiago Bernabéu ao episódio final de uma novela com fim anunciado há muitos meses. Kylian Mbappé foi, finalmente, confirmado como jogador do Real Madrid, até junho de 2029. Mas antes o clube fez uma "maldade" ao atleta: um vídeo com a voz de Luciano Pavarotti a cantar *Nessun Dorma* em que foram apresentados momentos icónicos do clube e, no relvado, estavam as 15 taças da Liga dos Campeões conquistadas pelo histórico clube. A cerimónia deu ainda para o internacional francês – que deverá receber 26 milhões de euros por época – relembrar um outro ídolo do clube e seu: Cristiano Ronaldo. O jogador francês pediu aos adeptos para gritarem em uníssono *"Hala Madrid!"*, o mesmo que o português fez quando foi apresentado em 2009. E assim começou a história de Mbappé em Espanha. Vamos ver se conseguirá corresponder às elevadas expectativas que estão depositadas nele.



CESAR MANSO / AFP



A apresentação de Mbappé no Real Madrid foi um dos acontecimentos mediáticos da semana.

OSCAR DEL POZO / AFP



A falha informática do sistema da Microsoft provou o caos em várias empresas.

EPA / RAJAT GUPTA



O primeiro-ministro Luís Montenegro no debate do Estado da Nação.

GERARDO SANTOS / GLOBAL IMAGENS



MANDEL NGAN / AFP

Barack Obama juntou-se aos elementos do Partido Democrata que defendem a desistência de Biden da corrida à reeleição como presidente dos EUA.

4.ª

Estado da Nação. Muita retórica e visões diferentes

"Desigual" ou com "esperança"? E o Orçamento de Estado de 2025? "Se fizermos uma avaliação positiva, viabilizaremos. Se não, Chumbaremos". A manhã reservada na Assembleia da República para discutir o Estado da Nação mostrou, afinal, o que já se sabe: a oposição considera que o país está pior – a palavra mais usada foi "desigual" – para muitas pessoas devido às políticas do Governo AD. Já o Executivo contraria essa visão: os ministros estão a resolver problemas e não se "empurra os problemas com a barriga", como frisou o líder parlamentar Hugo Soares. Durante as cinco horas de debate muitas foram as críticas feitas por cada bancada numa retórica que não passa disso mesmo: frases para serem usadas como bons títulos para a comunicação. Houve de tudo, até tempo para o ministro dos Assuntos Parlamentares, Pedro Duarte, citar o antigo primeiro-ministro António Costa, ao referir-se ao que o Governo, na sua opinião, já cumpriu: "Palavra dada é palavra honrada." E pouco mais ficou na memória de quem seguiu o debate...

5.ª

Até Obama já pede a Biden para desistir. E este já "abriu a porta"

Depois de alguns dias fora do espaço mediático devido à tentativa de assassínio de Donald Trump, o foco na campanha para as Eleições Presidenciais nos EUA (em novembro) regressou ao atual presidente e à sua recandidatura. Depois da má presença num programa televisivo em que "defrontou" Trump e de algumas confusões em intervenções públicas, Joe Biden está a ser pressionado por várias personalidades para desistir a tempo de o Partido Democrata conseguir encontrar um candidato que possa fazer frente ao ex-presidente, o que parece estar longe das hipóteses do atual líder norte-americano. As mais recentes declarações nesse sentido foram de Barack Obama, que terá dito a pessoas do partido que Biden precisava de considerar a possibilidade de desistir – pelo menos foi isso que escreveu o diário *The Washington Post*. E a verdade é que depois de vários desmentidos, Biden mudou o discurso dizendo que se houver indicações médicas poderá desistir de tentar a reeleição. Certo é que a haver uma decisão, essa não poderá demorar muito, pois o tempo escasseia para o Partido Democrata.

6.ª

A atualização de sistema que lançou o caos no mundo

Neste dia conhecemos a versão informática da metáfora sobre o *Efeito Borboleta* e a teoria do caos. Um problema nos sistemas operativos da Microsoft provocou falhas a nível mundial que afetou aeroportos (o de Berlim foi encerrado), bancos, a rede ferroviária do Reino Unido, órgãos de comunicação social (a inglesa Sky News esteve sem conseguir emitir em direto durante várias horas), por exemplo. De acordo com a Microsoft o problema terá tido origem numa atualização do *Crowdstrike Falcon*, uma funcionalidade de cibersegurança para o sistema operativo Windows 10 utilizado por empresas e que usa a Inteligência Artificial. Na rede social X a Microsoft explicou logo pela manhã que estava a tomar medidas para resolver a falha informática: "Os nossos serviços continuam a registar melhorias contínuas, enquanto continuamos a tomar medidas de mitigação", afirmou. Voltemos ao bater das asas da borboleta, neste caso, informática, que comprova que uma mudança na situação *normal* – na presente situação, bastou uma atualização de sistema – provoca imediatamente um caos difícil de controlar.


Governo recebeu os partidos na primeira ronda negocial em torno do Orçamento do Estado.

GERARDO SANTOS / GLOBAL IMAGENS

"Não nos vamos é anular, e ninguém pode pedir ao PS que se anule e aceite de forma acrítica um documento com o qual discordamos."

Pedro Nuno Santos
Secretário-geral do PS

"É impossível ter um Orçamento que agrade ao Chega e ao PS."

André Ventura
Presidente do Chega

PS sem "medo de eleições" e aberto ao diálogo. Chega assinala "atitude positiva"

ORÇAMENTO DO ESTADO Depois de reunir com o Governo, BE e PCP mantêm chumbo ao documento. PS guardou "reserva" quanto ao futuro, mas destacou "boa fé". Chega exige à AD "combate à corrupção a sério".

TEXTO **VÍTOR MOITA CORDEIRO**

A primeira ronda de negociações em torno do OE2025 entre o Governo e os partidos com assento parlamentar decorreu ontem, marcada pela ausência do primeiro-ministro, que está doente, e do líder do PS, Pedro Nuno Santos, que preferiu guardar-se para o próximo encontro já com Luís Montenegro recuperado, apontado para setembro. A delegação socialista, liderada por Alexandra Leitão, apesar da "reserva" admitida, deixou a garantia de que ambas as partes vão "continuar a conversar e a negociar".

Apesar de ausente da reunião, Pedro Nuno Santos, na inauguração da sede da Concelhia do PS em Braga, disse que o partido está disponível para fazer cedências nas negociações em torno do OE, mas também terá de as haver por parte do Governo.

"Não nos vamos é anular, e ninguém pode pedir ao PS que se anule e aceite de forma acrítica um documento com o qual discordamos", declarou. Apesar de admitir que quer evitar eleições antecipadas, Pedro Nuno Santos afirmou que não se pode "ter medo de eleições". "E eu não tenho", frisou.

O Chega saiu do encontro moderado pelo ministro das Finanças, Miranda Sarmento, com uma certeza e com uma linha vermelha face à AD: se por um lado o Governo revelou uma atitude "honestamente positiva", o partido liderado por Ventura também ameaçou que "ou há um Orçamento de combate à corrupção a sério" ou o partido "não estará ao lado do Orçamento".

Os avisos transmitidos por Ventura no final do encontro, que decorreu na Residência Oficial do primeiro-ministro, sucederam-se, entre a promessa de diálogo com o Governo e ataques ao PS. "Se o Orçamento for para seguir as mesmas linhas que o PS seguiu nos últimos anos e que Pedro Nuno Santos quer seguir, então é melhor dizerem-nos já e não há mais nada para conversar", sublinhou.

Entre as medidas conhecidas, Ventura destacou o IRS jovem como algo positivo.

Por outro lado, o líder da IL, Rui Rocha, viu o IRS Jovem com "preocupação" e classificou a medida como "uma discriminação que é feita no plano das intenções relativamente às pessoas que têm mais de 35 anos e que residem em Portugal". Ainda assim, o liberal saiu da reunião com a garantia de que "tudo está em aberto".

"É preciso conhecer primeiro o Orçamento e depois ver como é que a negociação dele evolui ao longo do tempo, para, em momento próprio, nos pronunciarmos relativamente a isso", concluiu.

O resultado menos surpreendente desta reunião terá sido o do PCP e o do Bloco de Esquerda, que reiteraram um chumbo ao documento que o Executivo de Luís Montenegro vai apresentar.

Depois de um encontro relâmpago, o líder comunista, Paulo Raimundo, justificou a celeridade: "Não valia a pena estarmos a perder no sentido de troca de argumento sobre pressupostos completamente diferentes."

Paulo Raimundo prometeu "combate político, combate social", acrescentando que o partido está "à espera que, dia 10 de outubro, como manda a lei, o Governo entregue o documento". Nessa altura, frisou, o PCP olhará para ele, "mas sem nenhuma expectativa. Saímos desta reunião sem nenhuma expectativa."

Também a coordenadora do BE, Mariana Mortágua, voltou a fechar as portas ao OE2025 da AD. Segundo a líder bloquista, Miranda Sarmento "deixou bem claro que a primeira prioridade do Governo é não desvirtuar o programa eleitoral". Por este motivo, criticou, as escolhas do Executivo para o Orçamento "revelam afunilamento ideológico" e que as principais "escolhas fiscais, económicas, políticas para o país estão feitas", pelo que resta "uma pequena margem para as negociações.

O porta-voz do Livre, Rui Tavares, destacou o "rio muito largo" que separa as ideias do partido das ideias do Governo, avisando que só haveria margem para um voto favorável no OE2025 se o Governo abandonasse "um Orçamento mais liberal, de apoio aos setores mais poderosos e mais ricos da sociedade".

Já a porta-voz do PAN, Inês de Sousa Real, mostrou esperança no diálogo com o Governo, mas destacou linhas vermelhas, como as deduções nas despesas da habitação ou a atualização do IRS à taxa da inflação. Questionada sobre se deve haver eleições caso o OE2025 seja chumbado, Inês de Sousa Real garantiu que o partido está preparado "para qualquer cenário e para trabalhar em prol das causas".

vitor.cordeiro@dn.pt

"A luta de Aristides de Sousa Mendes não terminou, começa todos os dias"

HOMENAGEM Marcelo Rebelo de Sousa, na inauguração do Museu, elogiou o "herói, único e singular" que deixou um legado para o futuro.

O Presidente da República defendeu ontem que o legado de Aristides de Sousa Mendes, personalidade "única do século XX", deixa um legado para o futuro e, também por isso, o museu é universal.

"Ao visitar a casa pude ver, de uma forma museologicamente espetacular, como era esta família e esta casa no século XIX, princípio do século XX. A vida e carreira de Aristides, o que ele foi e o que ele fez como personalidade única no século XX", disse Marcelo Rebelo de Sousa.

O Presidente discursava, entre o português e o inglês, na cerimónia de inauguração do Museu de Aristides de Sousa Mendes, antiga casa da família do cônsul, em Cabanas de Viriato, Carregal do Sal, no Distrito de Viseu, que reuniu centenas de convidados.

"Este museu é uma lição para o futuro. Todos os museus deviam ser, mas este é especial. Não tivemos no século XX, em Portugal, tantos heróis assim como Aristides de Sousa Mendes", defendeu o chefe de Estado.

E "só não foi ele sozinho", como sugeriu um familiar ali sentado, porque, no entender de Marcelo Rebelo de Sousa "sua mulher e a sua família sempre o apoiaram", mas, "mesmo que fosse sozinho, foi um herói, único e singular".

"E queremos que esse exemplo passe a crianças como o João e a Joana", afirmou, referindo-se a dois descendentes da família de Aristides de Sousa Mendes que o acompanharam na visita ao museu no dia em que se vive "um momento histórico".

Marcelo Rebelo de Sousa contou que ouviu "histórias únicas" de filhos e netos que viveram na casa, agora museu, e destacou a de uma neta que "só percebeu a história da família quando abriu uma mala, com recordações da família".

"Isto é um museu, que não é local, nem regional, nem nacional. É universal. Este museu diz-nos a todos nós, que aqui estamos, que a luta de Aristides de Sousa Mendes não terminou, começa todos os dias e essa é a lição que ele nos deixa", defendeu.

"Respeitar a dignidade humana, conviver com todos, ser tolerante, praticar o diálogo, ser contra tudo o que é racismo, intolerância, xenofobia, ódio, aceitar que não há povos eleitos, não há personalidades eleitas, somos todos igualmente seres humanos, esta é a mensagem", terminou.

No seu entender, "Aristides de Sousa Mendes colocou Portugal no mundo".

"O seu exemplo deveria ser sempre o nosso exemplo. Viva Aristides de Sousa Mendes, viva Portugal, viva para além de Portugal a mensagem universal de Aristides de Sousa Mendes, viva o diálogo, a tolerância, viva a não-discriminação, viva a justiça, viva a fraternidade, viça a paz, viva um mundo melhor", terminou já debaixo de palmas.

Familiares de Aristides Sousa Mendes e de refugiados da Segunda Guerra Mundial, a quem o cônsul de Bordéus passou vistos, emocionaram-se com a nova "vida" dada à Casa do Passal, depois de anos em ruínas.

"É como se esta multidão, 85 anos depois, estivesse aqui a dizer obrigado senhor cônsul", destacou António Moncada, neto de Aristides de Sousa Mendes.

DN/LUSA



A Casa do Passal, onde há 139 anos nasceu Aristides de Sousa Mendes, o cônsul que ajudou a salvar milhares de refugiados na II Guerra Mundial, foi ontem inaugurada.

PAULO NOVAIS / LUSA



Opinião
Viriato Soromenho-Marques

Missionários de um Deus vencido

Para quem prega a democracia pelo mundo fora, com missionários armados até aos dentes, o atentado falhado contra Trump, bem como a permanência no espaço público da patética figura de Biden, revelam bem toda a tóxica hipocrisia de quem não respeita, em casa, as boas-práticas impostas aos de fora com baionetas. Hipocrisia, até quando se usa a democracia como escudo para alimentar o inferno genocida dos amigos, como ocorre em Gaza. Sem uma pinga de espírito crítico, desprovidos da capacidade de se olharem ao espelho sem os partirem, os protagonistas da tragédia americana desempenham os seus papéis, sem cuidar da triste imagem derramada para o resto do mundo.

Mas o que são hoje os EUA? Nascido o país de uma ideia setecentista de liberdade, própria e vigorosa, conseguiu firmá-la na primeira Constituição moderna. Ela esteve nas secretárias dos constitucionalistas franceses de 1789-1791, e tem sido modelo para muitas leis fundamentais de muitos outros países ao longo dos séculos.

A liberdade política original dos EUA respira um espírito de independência, das comunidades e indivíduos, contra qualquer tutela externa (duas guerras contra o Império Britânico). É uma liberdade republicana, representativa, que inventou o primeiro federalismo onde os cidadãos também contam. Mas essa liberdade liberal (o pleonasmo é só aparente) tem um poderoso antagonista. Fraco no início, mas que ganhou força com o crescimento da tecnologia e dos mercados. A liberdade económica. Ela é não só mais indomável e irrestrita do que a liberdade política, como, tem capacidade para a controlar e, eventualmente, destruir.

A liberdade económica norte-americana é iliberal. Não tem limites constitucionais, e ainda menos éticos. Produz bilionários, que transportam nos bolsos, senadores e candidatos presidenciais, como quem exibe troféus de caça. No campo de batalha do mercado não há *Convenção de Genebra*, nem se fazem prisioneiros. A concentração de riqueza é hoje pornográfica. A desigualdade campeia. Cada cidade norte-americana fecha os olhos aos seus milhões de sem-abrigo (*losers*), pobres e doentes.

Em 1970 o Coeficiente de Gini (que mede a desigualdade, sendo ela maior quanto maior é o seu valor) nos EUA era de 0,39, hoje é de 0,49. Comparativamente, Portugal tem 0, 35 e a Rússia tem 0,36.

O Estado federal (haverá exceções nos planos municipal e estadual) é hoje uma instituição plutocrática, uma "democracia bilionária" (para citar o título de um livro de 2018, de George R. Tyler). Por isso, Trump será de novo o presidente dos EUA. O dinheiro dos bilionários, a começar por Elon Musk, jorra de Biden para a sua campanha. Como carisma do crepuscular deus da democracia.

"A liberdade económica norte-americana é iliberal. Não tem limites constitucionais, e ainda menos éticos."

Professor universitário

Gouveia e Melo: "Os chefes militares eram mais do tipo *Português Suave*"

INTERVENÇÃO Sem farda, o Chefe de Estado-Maior da Armada foi o convidado especial de um jantar-palestra da Associação dos Auditores de Defesa Nacional. Recordou a *task force* da vacinação e falou de liderança.

TEXTO **VALENTINA MARCELINO**



Almirante escolheu para a sua palestra o tema da liderança.

Descontraído, comunicativo e até com umas tiradas de humor, o almirante Gouveia e Melo escolheu o tema da liderança para falar a uma plateia de auditores de Defesa Nacional, militares e deputados, convidados de um jantar-palestra realizado no Clube Militar Naval, em Lisboa, na última quinta-feira.

"Um chefe militar tem de ter coragem. Ser honesto com o poder político e, quando necessário, vir a público dar a cara. É isso que faço. Se calhar, os chefes militares eram mais do tipo *Português Suave*, mas eu sou de um género nada suave", assumiu o almirante Gouveia e Melo no final da sua intervenção para a Associação de Auditores dos Cursos de Defesa Nacional (AACDN).

Tinha acabado de recordar – e lamentar – o facto de a Defesa ter estado praticamente fora dos debates da campanha para as Eleições Europeias, apesar da guerra na Europa com impacto em todos países, incluindo Portugal, e assinalou o facto de ter vindo a público, primeiro através de um artigo de opinião publicado no *Expresso*, depois na entrevista DN-TSF, a chamada de atenção para a necessidade de investir nas Forças Armadas e preparar os jovens.

> O Chefe de Estado Maior da Armada lamentou que a Defesa tenha estado praticamente fora dos debates da campanha para as Eleições Europeias, apesar da guerra na Europa com impacto em todos países.

Vestido à civil o Chefe de Estado-Maior da Armada (CEMA) aproveitou a oportunidade para partilhar das dificuldades no recrutamento para a Marinha – que se estende a outros ramos – lamentando também a perda de quadros altamente qualificados a meio da carreira militar, porque a perspetiva de uma reforma de valor reduzido "não é atrativa". "Se nos postos mais baixos ganham 50% do que ganham as polícias, vão preferir as polícias", assinalou.

A *task force* da vacinação e a sua estratégia como coordenador, era o foco da sua intervenção, em que frisou que a coragem, ter valores, assumir a responsabilidade e honestidade são algumas das qualidades que, no seu entender, devem fazer parte de um líder.

Sublinhou, no entanto, que "há diferentes processos de liderança, que se adaptam a diversas situações. Há líderes que podem ter sucesso numa situação e não ter noutra", salientou.

Confessou não ter dormido "toda a noite" quando foi convidado para liderar o processo de vacinação. "Não sei se se lembram, mas havia cerca de 40% das pessoas que não acreditavam nas vacinas. Era preciso mudar essa visão", recordou.

Um dos motivos por que passou a andar sempre de camuflado, apesar da justificação oficial de ser "a farda partilhada pelos três ramos" que integravam a *task force*, foi também, para evidenciar que estavam em "guerra" contra um vírus. "As pessoas tinham de escolher um lado. Quem estava contra tinha de se vacinar", disse.

Recordou com emoção todo o trabalho da sua equipa, a forma como todos se empenharam e assumiram as suas responsabilidades. Porém, sublinhou que "é sempre o líder a assumir a responsabilidade maior. Poder e responsabilidade têm de estar sempre juntos".

Questionado por uma das participantes sobre se a liderança, no final, era sempre solitária, ou se era mais trabalho de equipa, Gouveia e Melo respondeu: "Um pouco das duas coisas. O processo de decisão pode ser em equipa, mas, por vezes, quando é preciso ir contra interesses instalados, tem de ser assumida pelo líder."

A *task force*, recorde-se, teve como missão a coordenação e articulação dos diversos departamentos governamentais envolvidos na elaboração e execução do planeamento estratégico do processo de vacinação, nas suas vertentes logística, executiva e de comunicação.

"Desde início, disse que queria a responsabilização dos atores. Cada um tem de se sentir envolvido, tem de perceber que conta para o todo, para o bem e para o mal. Um ator responsabilizado é muito mais ativo. Esta é a chave mais importante", assinalou na altura em declarações ao DN.

Num artigo publicado neste jornal, alguns dos mais importantes especialistas em liderança elogiaram as opções do almirante. Miguel Pina e Cunha, diretor do Centro de Conhecimento *Leadership for Impact*, da School of Bussiness and Economics (SBE) da Universidade Nova, valorizou as "respostas assertivas e tecnicamente fundamentadas".

O seu colega Pedro Neves, doutorado em Psicologia Social e das Organizações pelo ISCTE, considerou "este processo de liderança muito interessante" de acompanhar, destacando um elemento que caracterizava Gouveia e Melo: a "genuinidade", como uma abordagem que transmitiu "calma, confiança no trabalho da sua equipa".

Nadim Habib, mestre em Economia pela London School of Economics, consultor internacional nas áreas de Estratégia, Inovação e Criatividade, destacou a "visão estratégica clara" e "uma enorme disciplina à volta da estratégia: toda a gente percebeu que era para levar a sério, ao contrário do que acontece algumas vezes em que há certa tendência em ir fazendo como der mais jeito".

Partilharam a mesa com o CEMA, neste jantar com lotação esgotada, o presidente e a vice-presidente da AACDN, Miguel Guimarães (deputado do PSD e ex-bastonário da Ordem dos Médicos) e Maria de Belém Roseira (antiga ministra da Saúde); Liliana Reis, deputada do PSD e vice-presidente da Comissão de Defesa Nacional; o diretor do Gabinete Nacional de Segurança e Autoridade Nacional de Segurança, contra-almirante Gameiro Marques; o ex-CEMGFA e presidente da EuroDefense, general Valença Pinto; ex-CEMA, almirante Macieira Fragoso.

valentina.marcelino@dn.pt



Opinião
Jorge Marrão

Uma aprendizagem cívica com o *Manifesto dos 50*

As formas usadas para acalentar o debate sobre o *Manifesto da Justiça dos 50* obrigam a uma reflexão: qual a razão de as partes interessadas terem escolhido caminhos de debate em que predomina a ideia de suspeição, de conspiração, de interesses secretos dos poderosos promotores, entre outros?

Sou um dos subscritores. Para que não restem dúvidas é sempre melhor declarar os interesses para que não fiquem "ocultos", e se saiba quem participa na tal "orquestra" cívica. Uma sociedade sem interesses é um conjunto vazio. Aqueles que não aparentam ter interesses também os têm. Em princípio, todos são legítimos. Haverá superioridade de uns sobre os outros. Queremos, como destino final, influenciar a política. É disso que tratamos no *Manifesto*, bem como aqueles que não se revêm nas nossas propostas.

Escolher os mensageiros – os subscritores – como centro de reflexão, e não as mensagens, para elevar ou diminuir os propósitos, sempre fez parte da luta política. As intenções públicas, ou as mais recônditas, dos seus assinantes são da sua esfera privada como cidadãos de pleno direito de participarem na defesa dos interesses que têm. Se somos iguais perante a lei, teremos de incluir, sem rebuço algum, as conveniências dos políticos, dos jornalistas, dos procuradores, dos magistrados, dos poderosos e dos sem poder algum, dos que estão a favor e dos que se opõem.

Os que se dedicam, todavia, quase exclusivamente a espancar os signatários, porque há os bons e os maus, segundo a perspetiva do observador, escolheram o caminho da eternidade: o da purificação das almas e dos seus interesses. Enquanto esta não chegar, pelo menos uma pequena parte da sociedade, segundo alguns a "poderosa", conseguiu estimular um debate político sobre a Justiça.

Estamos simplesmente no espaço público a ajudar a que a política não se refugie na anódina expressão "à política o que é da política e à Justiça o que é da Justiça". Se isto é querer pôr a "pata em cima de alguém" – a linguagem não é neutra – é porque aparentemente existem outras "patas" que podem estar a ser usadas por quem tem um poder que a lei lhe concede.

Os políticos não se podem esquivar, com receios eleitorais e de popularidade, de avaliar uma aliança, querida ou não, de sensacionalismo mediático da *vox populi* com algumas práticas de alguns agentes da Justiça. E já agora, estes, também são escoltados por alguns que privilegiaram o pretenso debate criminal para elaborar sobre a sua política, usando as salas, as portas e as janelas da Justiça, e não os locais próprios que a *respublica* lhes reserva para isso.

Os procuradores, alguns é certo, paralelamente, parecem ser simples zelotes das ideologias da transparência total, alimentando um voyeurismo político, sem precedentes. Acresce que a política, erradamente, qual fariseu da excelsa transparência absoluta, também legislou por forma a que o MP se tornasse um ator político. As comissões de inquérito são hoje uma outra manifestação da mesma doença. Idolatram-se os inquéritos e as escutas, favorecendo-as como campo privilegiado de batalha política e revelação informativa da verdade. Entretanto, com o seu extenso e abusivo uso, a política, a Justiça e a mediatização casuística enlamearam-os a todos.

Ainda que as escutas possam ter revelado realidades desconhecidas sobre a política e a sua relação com os poderes da sociedade, não as devíamos ter ouvido. A grande e a pequena conversa, quer seja legítima, eticamente reprovável ou criminal, registada e divulgada sem seguir salutares procedimentos legais de uma democracia madura de proteção do direito ao bom nome, à presunção de inocência, e a oportunidade de contraditar é, no mínimo, uma indecência. O argumento de refúgio será as tecnicalidades jurídicas que nos querem fazer crer que tudo se fez de acordo com a lei. É melhor seguir a máxima jesuíta: dediquemo-nos à nossa perfeição e, com a mesma intensidade, à dos outros.

Querer transformar este debate, útil e necessário sobre a responsabilidade da política em relação à Justiça, numa luta contra o Ministério Público, ou entre o MP e a política, ou entre a sociedade e a liberdade de informação que os jornalistas têm de ter, é simplesmente não querer avançar. É renunciarmos ao que uma cidadania responsável nos obriga: pugnar por mudar o que pode e deve ser melhorado. Os interesses instalados, sempre os haverá, assumindo-os nobres e legítimos, entre certas franjas ou atores da Justiça, da comunicação social e da política têm de ser também vigiados.

Não podem restar dúvidas: é a política que define a arquitetura judicial do país e as políticas de justiça, e não as instituições internas da Justiça que definem para onde devem ser levadas as políticas de justiça, ainda que, e bem, devam participar na sua construção. Têm de se respeitar a separação dos diferentes poderes, mas nenhum poder deve ter temor do outro. Se a política quiser continuar a ser hipócrita, medrosa, popular e populista, temos sempre a oportunidade, em eleições, de avaliar e escolher.

As relações entre a democracia, a Justiça e as instituições eleitas e não-eleitas foram, e são, objeto de estudo em diversos países sobre diversos ângulos. Não é um problema exclusivo português. O MP define-se como uma burocracia. O MP português não fique ofendido. O jurista e economista Max Weber quando se debruçou sobre as burocracias, ao que se saiba, não se inspirou no MP português. Estas caracterizam-se, sem preconceitos, como um corpo de funcionários não-eleitos, amarrados a leis e procedimentos, que, em geral, também está estudado, os tornam insensíveis ao mundo exterior, protegendo-se sempre como corporação. Estas encerram em si mesmas as razões por que não querem mudar. Não há evidência de autorregeneração em organizações fechadas sobre si mesmas, sem um choque externo ou um acontecimento catastrófico.

Os casos de António Costa, Miguel Albuquerque e João Galamba transformaram-nos em autores de um espetáculo que pode ser enquadrado nos acontecimentos que se tornam históricos e epocais, conforme defendido pelo filósofo alemão Reiner Schurmann: depois de acontecerem tudo terá de ser diferente. Não aproveitar estes acontecimentos seria um desperdício social.

Num estudo de Pablo Castillo-Ortiz sobre a governação da Justiça na Europa referia-se que a democracia exige independência da Justiça, mas também responsabilidade desta sobre os resultados e que deve ser livre de qualquer interferência do poder executivo, legislativo e dos interesses privados, mas que, e se este for o caso, o judicial não pode abusar da sua autonomia para prosseguir interesses restritos corporativos.

Acresce que, e ainda que a independência do poder judicial, como um todo, se consolide em relação à política, aquela pode minar a independência dos juízes dentro do próprio corpo global da magistratura. A tarefa é complexa. Deveria levar-nos a todos, sem exceção, a um redobrado cuidado. A demonização recíproca e a simplificação não trazem viabilidade, nem abertura de espírito, para uma tarefa necessária, e nunca terminada, da cidadania democrática.

Ninguém tem dúvidas – basta ler o último relatório do MP sobre a sua atividade – para percebermos o valor do MP para uma melhor sociedade. Ainda assim, tem de haver melhor e mais exemplar Justiça, em face do que já sabemos sobre o andamento e desfecho de alguns casos com protagonismo excessivo do MP, somenos relevância da magistratura e destruição do bom nome de alguns cidadãos.

Nos "músicos" desta "orquestração" cívica do *Manifesto*, julgo eu, não há dúvidas de que a partitura da Justiça revela harmonia, mas apresenta notas dissonantes graves. Se respondermos, sem hostilidade espúria, às mudanças da sociedade atual que valoriza o tempo, o custo, a imagem e reputação, e a qualidade das decisões, a democracia e a Justiça agradeceriam. Aos políticos exige-se coragem.

Economista



Opinião
Luís Vidigal

O Estado não pode ser uma soma de empresas de faz de conta

Só é possível descentralizar poder centralizando informação

A propósito das parcerias público-privadas, da multiplicação de agências e empresas públicas e da desconcentração de serviços públicos, muitas vezes travestida de descentralização e regionalização, cabe-nos alertar para as oportunidades e riscos de um possível modelo futuro de empresarialização da Administração Pública na atual sociedade da informação.

A Nova Gestão Pública (New Public Management – NPM), também conhecida como managerialismo, surgiu como uma moda neoliberal nas décadas de 80 e 90 do século XX, no Reino Unido com Thatcher e nos EUA com Reagan, e ainda está muito presente no nosso país, como resposta política à ineficácia e rigidez do anterior modelo burocrático inspirado em Max Weber, preconcebendo a gestão privada e os seus instrumentos como princípios de gestão indiscutíveis e definitivos para a gestão pública e fazendo a apologia do modelo de mercado e do espírito empreendedor por parte do gestor público.

O Estado passaria a ser uma soma de partes independentes e autogeridas, constituindo-se num amontoado de empresas "de faz de conta", em vez de um todo coerente e integrado ao serviço dos cidadãos e agentes económicos, acabando por se constituir num bloqueio para a fluidez dos processos interdepartamentais tão necessários a uma estratégia bem-sucedida e madura de automatização de serviços públicos (*e-Government*) e dos respetivos mecanismos de transparência.

O paradigma do NPM partia de um pressuposto erróneo, ao considerar a gestão empresarial como inerentemente superior à gestão pública, passando os cidadãos a ser meros consumidores. A reforma de base gestionária conduziu a alguns excessos, uma vez que a procura de serviços mais eficazes e eficientes levou a que se preterissem alguns dos mais importantes valores do serviço público.

A abordagem de mercado, ao privilegiar a concorrência interna entre organismos e ao alimentar as suas vaidades, esquece muitas vezes a colaboração mútua e relega para segundo plano a inovação e a criação de valor, que deveriam contribuir para a economia, aceleração e fluidez dos dados e processos conducentes à melhoria da prestação de serviços públicos interdepartamentais, que deverão estar focados acima de tudo na resolução dos eventos de vida dos cidadãos e das empresas, independentemente dos organismos, das áreas ministeriais e dos níveis de Governo, que contribuem para a satisfação dessas necessidades da sociedade e do exercício da soberania do Estado.

Ao longo dos últimos 30 anos assistimos a um balanceamento entre os valores do serviço público (equidade, cidadania, *accountability*, transparência e interesse público) e os valores de desempenho (eficiência, eficácia, qualidade, objetivos e avaliação dos organismos e indivíduos), como se se tratasse de valores mutuamente exclusivos.

As tecnologias podem dar um excelente contributo para a coexistência destes valores, como os canais de interação múltiplos e universais, *business intelligence*, robótica e Inteligência Artificial, internet das coisas (IoT, na sigla inglesa), sistemas de reporte e alerta automáticos, *workflows* suportados em *blockchain*, tecnologias móveis, entre outras, apoiando todo o ciclo da gestão, seja ela pública ou privada. A questão está nas competências profissionais, na determinação e na confiança nos valores do serviço público, por parte de políticos, gestores e funcionários. Acima de tudo, o que se pretende é a criação de um ambiente de confiança, potenciador da capacidade do Estado em impor decisões vinculantes em nome do interesse público.

Ao longo de muitos anos, testemunhámos que a maioria dos membros do Governo e dos dirigentes de organismos da Administração Pública se acomodam e preferem funcionar em ambientes fechados, de acordo com o modelo hierárquico vertical, para se reforçarem a si próprios, em concorrência com os seus pares, para se perpetuarem ao longo do tempo, muitas vezes fechados em "silos" de informação independentes, controlando tempos e canais de resposta, como forma de proteger clientelas específicas, as quais se julgam muitas vezes com o direito a atendimento e serviços privilegiados.

Cada ministério, organismo ou nível de soberania tende a refugiar-se nas suas pirâmides fechadas e rodeadas de símbolos de poder, de forma a proteger e perpetuar as suas estruturas, as suas competências, os seus orçamentos, os seus recursos humanos e as suas próprias clientelas, reproduzindo um modelo de funcionamento mais orientado a perpetuação do poder do que a prestação de serviços à sociedade. Com isso, muitas vezes, os organismos que têm competências e poder legal para a coordenação e regulação transversal, acabam quase sempre por perder autoridade e credibilidade junto do ambiente operacional onde atuam e são rejeitados na sua atuação, mais de comando impositivo do que de liderança e motivação organizacional e processual.

> **"Cada ministério, organismo ou nível de soberania tende a refugiar-se nas suas pirâmides fechadas e rodeadas de símbolos de poder, de forma a proteger e perpetuar as suas estruturas, as suas competências, os seus orçamentos, os seus recursos humanos e as suas próprias clientelas."**

Ao longo dos nossos 50 anos de experiência vivida em torno da modernização e reforma administrativa, adquirimos a convicção que o modelo de funcionamento com organizações isoladas assim como o modelo de comando a partir das pirâmides descendentes ou do centro para a periferia estão obsoletos, pois as redes horizontais, e até mesmo multidirecionais e neuronais, estão cada vez mais a substituir as hierarquias. Os processos que estão na base da prestação de serviços públicos precisam transformar-se em redes de trabalho interinstitucionais ou cadeias de valor, para poderem fornecer produtos ou serviços de interesse para os cidadãos ou agentes económicos, com o mínimo de tempo e custo e a máxima qualidade, transparência e escrutínio.

É por isso que temos muito medo das parcerias público-privadas, da multiplicação de agências e empresas públicas e da desconcentração travestida de descentralização e regionalização, pois, enquanto não tivermos sistemas de informação para monitorar os atos de governo e garantir a *accountability* dos responsáveis, vão multiplicar-se centros de poder redundantes, mais caros e pouco transparentes. Pois, paradoxalmente, utilizando as tecnologias da sociedade da informação, podemos descentralizar o poder, ao mesmo tempo que podemos centralizar a informação de gestão para o devido escrutínio e controlo.

Representante da sociedade civil na Rede Nacional de Administração Aberta
Consultor internacional de e-Government



As falhas informáticas nas companhias aéreas refletiram-se nos aeroportos, e o Humberto Delgado não foi exceção.

REINALDO RODRIGUES / GLOBAL IMAGENS

Falha de atualização de cibersegurança lança caos no mundo

APAGÃO Mais de 4 mil voos cancelados foram a face mais visível do erro de gestão da empresa CrowdStrike, cujo administrador pediu desculpa.

TEXTO **CÉSAR AVÓ**

Da Austrália à Índia, de Portugal aos Estados Unidos, o que foi chamado por um perito de "maior apagão informático da história" deixou milhares de aviões em terra, terminais de pagamento sem funcionar, *apps* sem aplicação, linhas de emergência inoperacionais ou estações de televisão sem emitir. O infame "ecrã azul da morte" apareceu de quinta para sexta-feira em milhares de empresas que trabalham com o sistema Windows da Microsoft e que recorrem à ferramenta Falcon da empresa de cibersegurança CrowdStrike.

A resolução para o problema, detetado horas depois, exige apagar uma linha de código numa intervenção local a realizar em cada computador, o que impossibilitou um regresso rápido à normalidade – por exemplo, os voos cancelados continuaram ao longo do dia, e à noite já tinham passado a barreira dos 4150.

George Kurtz, administrador executivo da CrowdStrike, empresa responsável pelo apagão informático de horas, terá querido sossegar o público quando disse que o sucedido não se deveu a um "incidente de segurança ou ciberataque" e sim a uma falha numa atualização da ferramenta Falcon. Porém, não conseguiu explicar, em entrevista à NBC, como é que um programa com um potencial de impacto tão profundo no quotidiano de milhões de pessoas não obedece às mais estritas regras de segurança – que é no fundo o objeto daquela empresa.

Kurtz pediu desculpas aos afetados e, à laia de justificação, disse que "quando se olha para a complexidade da cibersegurança, tenta-se sempre estar um passo à frente dos adversários".

Noutra entrevista, à CNBC, o cofundador, em 2011, da empresa com sede em Austin, no Texas, fugiu à questão do risco jurídico para a empresa caso os clientes optem por processar a CrowdStrike, ao dizer que a empresa tem uma forte reputação no setor da cibersegurança, onde o próprio trabalha "há muito tempo".

Para já, a empresa foi castigada com a queda do valor das ações (abriu a sessão do índice NASDAQ a perder 14% e à hora de fecho da edição desabava 11%) e ficou com danos reputacionais.

"A ideia de que esta atualização tenha sido lançada globalmente e tenha causado este tipo de problema é impensável", disse à ABC News australiana o especialista em cibersegurança Mark Gregory. O facto de a empresa não ter realizado testes antes é um caso de "má gestão", disse Gregory, e redundou no "maior apagão informático" de sempre, segundo o consultor de cibersegurança Troy Hunt.

Marie Vasek, professora de Ciências Informáticas da University College London, estendeu as críticas à empresa fundada por Bill Gates. "A Microsoft precisa de pensar na forma de verificar se o *software* está em conformidade", disse ao *Washington Post*.

> Para o especialista em cibersegurança Mark Gregory é inconcebível que uma atualização seja lançada globalmente sem ter sido sujeita a testes.

CONSEQUÊNCIAS

TRANSPORTES
Empresas de transporte aéreo, marítimo e ferroviário sofreram o impacto da falha informática, mas nalguns casos o engenho permitiu menorizar o problema. Por exemplo, na Índia, os funcionários da companhia aérea IndiGo emitiram cartões de embarque escritos à mão.

SAÚDE
O Serviço Nacional de Saúde britânico disse que a marcação de consultas e o acesso ao registo dos pacientes foi afetado. Em Israel, 12 hospitais estiveram a trabalhar sem recurso ao digital.

TELEVISÃO
Estações como a britânica Sky News ou a australiana ABC estiveram sem emitir.

EMERGÊNCIA
No estado norte-americano do Alasca as autoridades avisaram que entre os "muitos centros de atendimento telefónico" a "não funcionar corretamente" estava o número de emergência nacional, tendo publicado no Facebook números alternativos de contacto.

PARIS2024
O comité organizador dos Jogos Olímpicos de Paris declarou que alguns dos seus serviços informáticos foram perturbados pelos "problemas técnicos globais que afetam o *software* da Microsoft". Em consequência, "a entrega de uniformes e acreditações" foi interrompida, embora tenha sublinhado que os sistemas de venda de bilhetes não foram afetados.

FÓRMULA 1
A equipa de Fórmula 1 da Mercedes, patrocinada pela CrowdStrike, não ficou imune, e a imagem de ecrãs azuis nas boxes do Circuito de Hungaroring percorreu o mundo. Mais tarde, o diretor de Tecnologia da Mercedes, Andrew Shovlin, disse que o problema teve um impacto quase nulo no dia de treinos livres da competição motorizada.

Dois mil estão à espera de um rim. E há quem doe por ser "uma responsabilidade moral"



DIA NACIONAL No final de 2023, havia 1881 doentes à espera de um transplante de rim. Mesmo assim, Portugal tem a quinta melhor taxa de transplantação da Europa nesta área. Mas quem já doou diz que faltam campanhas de informação à população e faz um apelo: "Pense em doar."

TEXTO **ANA MAFALDA INÁCIO**

Escolheu ser médico, talvez porque já vinha de uma família de médicos, embora diga que foram muitas as razões. Depois escolheu a especialidade de Nefrologia e dedicou o grosso da sua atividade, mais de 40 anos, no Hospital de Santa Cruz, em Lisboa, à preparação de doentes e de dadores para transplantes e ao seu acompanhamento. Até que, um dia, tomou a decisão que há muito vinha a maturar: doar um órgão, no seu caso um rim. Domingos Machado tem hoje 72 anos, está na reforma, e há mais de dois que *entregou* um órgão seu a um desconhecido. E quando lhe perguntamos porquê, a resposta é simples: "Sentia-me um privilegiado. Tinha saúde, não tomava medicamentos para a tensão arterial, nem para a diabetes, e comecei a pensar que poderia ceder um pouco a alguém que não tivesse."

Esta decisão era inédita em Portugal , o acontecimento também. E só foi divulgado muito depois de tudo se ter passado e apenas com o objetivo de servir como exemplo, para alertar a população que, no país, "existem condições para se fazer transplantação em segurança", recordou ao DN. Porque, ainda hoje, data em que se assinala o *Dia Nacional da Doação de Órgãos e da Transplantação*, Domingos Machado alerta para o facto de, em Portugal, existir "um grande défice de informação por parte da população para a situação".

Na sua opinião, "há um défice de campanhas: houve algumas, mas sabemos que estas só dão frutos muito mais tarde, e é preciso mantê-las". Mesmo em relação ao seu caso diz que "quando foi divulgada parece ter tido um certo impacto. Pelo menos, o então ministro da Saúde, Manuel Pizarro, fez um discurso no sentido de ter havido um aumento da transplantação com dadores vivos, mas os exemplos não se perpetuam. É preciso que se volte a falar da doação e da transplantação".

Por isto mesmo, diz, se há mensagem que quer deixar neste dia é: "Pensem em doar. Vão a um hospital com esta atividade e informem-se", porque para quem doa "há sempre uma compensação moral enorme e, para quem recebe, é a dádiva da sobrevivência ou do aumento da duração da vida ou da melhoria, e em muito, da qualidade de vida".

Este ano já foram transplantados 463 órgãos de 227 dadores

Os dados disponibilizados ao DN pelo Instituto Português do Sangue e da Transplantação (INST) revelam que nos primeiros seis meses deste ano já foram transplantados 463 órgãos, vindos de 227 dadores, a esmagadora maioria em morte cerebral. No ano passado no mesmo período tinham sido transplantados 450 órgãos. O mais transplantado é o rim, mas a 31 de dezembro de 2023 ainda havia 1881 doentes que aguardavam o transplante. O tempo médio de espera é de três anos e meio a cinco.

No entanto, este pode não ser o número mais correto porque, como explica o INST, "as listas de doentes a aguardar um órgão compatível para transplante são muito dinâmicas", pelo que a sua contabilização é feita no final de cada ano civil. Em julho de 2023, por exemplo, e segundo o INST havia 1800 doentes em lista de espera. Mas, apesar desta lista, e segundo os dados oficiais mais atualizados, de 2022, Portugal tem a quinta maior taxa de transplantes renais na Europa, com 49,01 transplantes por milhão de habitantes.

Ao DN, o INST confirma, de facto, que "os órgãos mais transplantados são os rins", mas também que são o órgão que "apresenta maiores problemas de compatibilidade imunológica".

Por outro lado, "o coração é talvez o órgão mais escasso e para o qual é necessária a compatibilidade imunológica, a compatibilidade morfométrica e a funcionalidade a 100% do órgão".

Os dados da Sociedade Portuguesa de Nefrologia, que tem vindo a defender – em particular no que toca ao transplante de rim de dador morto – o alargamento das equipas de promoção de colheita na generalidade dos hospitais e a expansão dos programas de doação em paragem cardiorrespiratória, indicam que, só aos rins, foram realizados 547 transplantes em 2023, dos quais 71 de dadores vivos.

Mas o dia 20 de julho é o da doação e da transplantação para todos os órgãos e foi decretado, em 2019, precisamente para ser um alerta para "a dádiva", que pode "salvar vidas", marcando assim a data em que se realizou no país o primeiro transplante, no caso, um rim de dador vivo, em 1969, nos Hospitais da Universidade de Coimbra. Na década de 1980 foram feitos os primeiros transplantes com rim de dador

963 transplantes no ano de 2023

O ano de 2023 terminou com 963 transplantes, segundo os dados do Instituto Nacional do Sangue e da Transplantação. Ao todo, foram 1066 órgãos, mais 128 do que em 2022, de 448 dadores. Destes, 332 por morte cerebral, 43 por paragem cardiocirculatória e 73 dadores vivos. Os dados do INST revelam também que o órgão mais transplantado foi o rim (547 transplantes), depois o fígado (249), os pulmões (87), o coração (52) e o pâncreas (28). Este ano já vamos com 463 órgãos transplantados.


REINALDO RODRIGUES / GLOBAL IMAGENS

Domingos Machado tem 72 anos, foi médico mais de 40 e, no final, decidiu doar um rim.

morto, sucedendo-se depois transplantes de fígado, coração, pâncreas, pulmão, tecidos e células. Domingos Machado recorda ao DN que foi sob a sua direção, na Unidade de Transplantação do Hospital Santa Cruz, que "se começou a transplantação com dadores vivos", por isso mesmo reforça que a motivação para partilhar a sua saúde com alguém não era assim tão recente. "Na altura, já achava que não era impossível uma pessoa querer tornar-se doadora, tal como há quem aceite doar sangue. Terá sido aqui que comecei a pensar que eu próprio podia tornar-me um dador", conta.

Foi presidente da Sociedade Portuguesa de Transplantação e ainda consultor junto da Assembleia da República para a alteração da lei que depois veio a ser aprovada, o que também reforçou a ideia que tinha. "Na altura, já se discutia a possibilidade de as pessoas doarem em vida, mas havia quem achasse que a lei não se deveria preocupar com isso, porque nunca tinha havido ninguém que o tivesse feito. Mas havia outros, como eu, que diziam que a lei deveria preocupar-se com essa questão, até porque já havia casos no estrangeiro e lá a questão foi assumida na legislação". Isto porque, explica, "há questões morais e éticas associadas à doação. Há até uma responsabilidade moral, de partilha com os outros e com a sua condição de saúde".

Como médico, reconhece que tinha mais informação e conhecimento sobre a situação do que a população em geral. Primeiro, ainda pensou doar o rim a um doente que acompanhava há muitos anos, mas houve um problema na compatibilidade, então decidiu entrar no processo de doação normal, escolheu o hospital que o iria observar e aquele em que seria feita a recolha do órgão, opções que são permitidas por lei. E depois de ter aceitado divulgar o seu caso, diz que "ainda há muito poucas pessoas que têm a noção de que, para alguém que faz diálise, o transplante do rim melhorava muito a sua qualidade de vida e a sua sobrevivência".

anamafaldainacio@dn.pt

BREVES

Fenprof acusa Governo de preferir "disputa entre escolas"

A Federação Nacional dos Professores (Fenprof) acusou ontem o ministério da Educação de parecer estar mais preocupado em criar uma "disputa entre escolas" e uma "competição dos resultados" do que tentar perceber o que está mal para melhorar. Numa reação ao anúncio feito pela equipa liderada pelo ministro Fernando Alexandre, relativamente ao novo modelo de avaliação externa dos alunos, a Fenprof considera que "se trata de uma mudança de forma, mas que, na prática mantém tudo na mesma". Na quinta-feira, o ministro da Educação anunciou o fim das Provas de Aferição do 2.º, 5.º e 8.º anos e o regresso das provas no final dos 1.º e 2.º ciclos (no 4.º e 6.º anos).

Lisboa aprova subida da taxa turística

A Câmara de Lisboa aprovou ontem a proposta de aumento do valor da taxa turística de dormida, de dois para quatro euros por noite, após consulta pública, pretendendo a entrada em vigor "a partir de 1 de setembro". Em reunião privada do Executivo camarário, a proposta de PSD/CDS-PP, que terá ainda de ser submetida à Assembleia Municipal, foi viabilizada com os votos contra do PCP e os votos a favor dos restantes. O documento inclui também a atualização da taxa turística de chegada por via marítima, de um para dois euros, por passageiro, ainda que o valor que agora se propõe atualizar é o que começou a ser aplicado este ano, com o início da cobrança.



Opinião
Catarina Marques Rodrigues

Saber sair e saber avançar

O que começou por ser um "mau debate", com momentos infelizes causados por "cansaço de viagens", tornou-se num desastre. Tropeços nas palavras, silêncios longos em sinal de perda de raciocínio, mistura de temas, trocas de nomes e de cargos. Biden já deu sinais suficientes de que não estará no pleno das suas capacidades – pelo menos para assumir o mais importante cargo de uma das maiores potências mundiais. Afinal, o que lhe vai pesar mais? A capacidade para cumprir ou o seu ego? Joe Biden acredita que é a pessoa mais capacitada para derrotar Trump, apoiando-se na sua presidência e nos feitos passados. Mas, numa eleição, está em jogo o legado histórico ou o futuro? Será injusto assumir que a resistência de Biden em sair da corrida denota, em parte, que está agarrado ao poder, e que não aprendeu a arte de saber sair?

Do outro lado, temos um nome que jura lealdade a Biden, mas que tem sido referido como a melhor opção para o substituir: Kamala Harris. Uma nova sondagem divulgada ontem diz que seis em cada dez democratas acreditam que a atual vice daria uma boa presidente dos EUA. O seu nome é mais forte entre os negros norte-americanos do que entre os adultos brancos, efeito da identificação – Harris é filha de uma indiana e de um jamaicano.

É também mais popular entre as mulheres do que entre os homens – foi a primeira mulher vice-presidente do país. É natural o seu interesse e entusiasmo por vir a ser presidente dos EUA, mas não fica bem expressá-lo: afinal, demasiada ambição pode fazer o público vê-la como demasiado sedenta pelo poder e como uma traição ao homem que a escolheu para ser seu apoio. Deverá permanecer recatada, até que o homem da frente reconheça que o seu tempo no posto terminou.

É um equilíbrio difícil, este, que tem na sua base as dinâmicas de poder, as tricas internas e o jogo mediático da perceção. Mas não haverá também aqui uma dimensão de género?

Numa questão não há dúvidas – em geral, na política (mas não só), os homens são mais rápidos e livres a manifestar as suas ambições, que não refletem necessariamente as suas competências. As mulheres são mais comedidas a dizer: "Eu quero"; ou "Eu sou a melhor pessoa" – já vários estudos sobre recrutamento concluíram que as mulheres só concorrem a uma vaga quando preenchem todos os requisitos pedidos, já os homens tentam a sua sorte quando preenchem apenas 60% do que é pedido.

Assim, elas concorrem a menos empregos do que eles, diminuindo também as suas *chances*, por uma questão de probabilidades.

A política também se faz de confiança – a sua demonstração pode ser associada a sobranceria ou a arrogância, mas o seu excesso tem resultado na lamentável eternização no poder de várias figuras ao longo da História.

Jornalista especialista em igualdade de género.

Questionário de Proust do ChatGPT

Pedimos ao ChatGPT: "Faz-nos um questionário de Proust para podermos publicar no nosso jornal." Só que o que ele nos apresentou era muito semelhante ao original, de Proust. Então pedimos: "Dá-nos um mais divertido". E o resultado foi este.

Pedro Marques Lopes

Colunista e comentador político

"Gostava de jogar futebol como o Maradona e contribuir para que o FCP ganhasse sempre"

Se pudesse ter um qualquer superpoder, qual escolheria e porquê?
Jogar futebol como o Maradona para contribuir para que o FC Porto ganhasse sempre.

Qual é o seu filme ou série de TV favorito para assistir numa maratona?
The Wire seguido do *The Office*.

Qual é a comida mais estranha que já experimentou?
Couve-flor.

Se pudesse viajar para qualquer lugar no tempo, para onde e quando iria?
Viajar não me assiste, muito menos no tempo. Estou muito bem aqui e agora, obrigado.

Se fosse uma personagem de desenho animado, quem seria?
Shyznogud, para de uma vez por todas ser o califa em vez do califa.

Qual foi a dança mais embaraçosa que já fez?




DR

Nunca me senti embaraçado a dançar, mas sou capaz de embaraçar os outros. Adoro dançar.

Se pudesse trocar de vida com qualquer pessoa por um dia, quem escolheria?
Tiger Woods no último dia do *British Open*, em Saint Andrews.

Qual é a música que sempre o faz dançar, não importa onde esteja?
There is a Light That Never Goes Out.

Se tivesse de viver num filme, qual escolheria e por quê?
Um qualquer em que também entrasse a Jessica Lange ou a Penelope Cruz. Para trocar umas impressões e tal.

Qual foi o presente mais estranho ou engraçado que já recebeu?
Um pente, quando fiz 50 anos.

Se fosse um animal, qual seria e porquê?
Uma mulher. Deve ser giro.

Qual é a sobremesa favorita que nunca recusaria?
Cerejas, mas pode ser também como prato principal .

Se pudesse criar um feriado, qual seria e como seria comemorado?
26 de Maio. Decoravam-se todas as cidades portuguesas de azul e branco, uma emissão especial e simultânea a passar várias vezes ao dia, a final de Gelsenkirchen e entrevistas com o presidente Pinto da Costa, Mourinho, os jogadores e um adepto do FC Porto escolhido ao calhas de nome Pedro Marques Lopes.

Qual é o seu *hobby* mais estranho ou incomum?
Não tenho *hobbies*.

Se pudesse ter qualquer celebridade como seu melhor amigo, quem escolheria?
Não trocava os meus melhores amigos por celebridade nenhuma.

Qual é a piada mais engraçada que conhece?
O Zezinho que queria um pónei em vez de um irmão.

Se pudesse falar com qualquer animal, qual seria e o que perguntaria?
Eu falo muito com animais e pergunto-lhes coisas sobre tudo, eles é que não me respondem.

Qual é o seu talento oculto que poucas pessoas conhecem?
Canto o *Caminho Errado* do Luís Piçarra quase tão bem como ele.

Se fosse uma cor, qual seria e porquê?
Azul e branco, como a cor do meu sangue.



Qual é a palavra que mais gosta de dizer e porquê?
Meu filho(a), porque sim.

Se pudesse inventar qualquer coisa, o que seria?
Shazam para pessoas.

Qual é a coisa mais ridícula que já comprou?
Um carro caro.

Se tivesse de comer apenas uma comida para o resto da vida, qual seria?
Cozido à portuguesa com papas de sarrabulho e tripas à moda do Porto acompanhado de ostras e percebes com uma perdiz feita pela minha mãe.

Qual é a sua memória de infância mais engraçada?
Eu a fazer de anão sabichão numa peça de teatro na escola primária.

Se fosse um meme, qual seria?
Uma preguiça.

Qual seria o título da sua autobiografia?
Pobrete,mas alegrete.

Se pudesse ser uma personagem de videojogo, quem seria?
Rabah Madjer num FIFA qualquer.

Qual é o seu trocadilho ou piada de favorito?
Eu é mais bolos.

Se pudesse ser invisível por um dia, o que faria?
Vestia-me de cores berrantes para não ser atropelado.

Qual foi a coisa mais inesperada que aprendeu recentemente?
Que se pode pagar coisas com o telefone.

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

COMISSÃO DE ASSUNTOS CONSTITUCIONAIS, DIREITOS, LIBERDADES E GARANTIAS

ÀS ORGANIZAÇÕES SINDICAIS E TODAS AS ESTRUTURAS REPRESENTATIVAS DOS TRABALHADORES DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

Nos termos e para os efeitos dos artigos 54.º, n.º 5, alínea *d*), e 56.º, n.º 2, alínea *a*), da Constituição, do artigo 16.º da Lei Geral do Trabalho em Funções Públicas, aprovada em anexo à Lei n.º 35/2014, de 20 de junho, dos artigos 469.º a 475.º da Lei n.º 7/2009, de 12 de fevereiro (Aprova a revisão do Código do Trabalho), e do artigo 132.º do Regimento da Assembleia da República, avisam-se estas entidades de que se encontram para apreciação, de 20 de julho a 19 de agosto de 2024, as iniciativas seguintes:

Projetos de Lei n.os 203/XVI/1.ª (PCP) — *Elimina as desigualdades na atribuição do suplemento de fixação ao pessoal do Corpo da Guarda Prisional em funções nas regiões autónomas (quarta alteração ao Decreto-Lei n.º 3/2014, de 9 de janeiro)* **e 208/XVI/1.ª (PCP) —** *Reforça os direitos e regalias dos bombeiros, procedendo à quinta alteração ao Decreto-Lei n.º 241/2007, de 21 de junho, que define o regime jurídico aplicável aos bombeiros portugueses no território nacional.*

As sugestões e pareceres deverão ser enviados, até à data-limite acima indicada, por correio eletrónico dirigido a *1cacdlg@ar.parlamento.pt* ou por carta dirigida *à Comissão de Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias,* Assembleia da República, Palácio de São Bento, 1249-068 Lisboa.

Dentro do mesmo prazo, as comissões de trabalhadores ou as comissões coordenadoras, as associações sindicais e associações de empregadores poderão solicitar audiências à *Comissão de Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias,* devendo fazê-lo por escrito, com indicação do assunto e fundamento do pedido.

Os textos das citadas iniciativas encontram-se publicados na Separata n.º 14/XVI do *Diário da Assembleia da República*, de 20 de julho de 2024, e podem ser consultados na «Página» *internet* da Assembleia da República, na morada: **http://www.parlamento.pt/DAR/Paginas/Separatas.aspx**

NOTÁRIO
Pedro Nunes Rodrigues

CERTIFICO, PARA EFEITOS DE PUBLICAÇÃO

Que neste Cartório de Lisboa, do Notário Pedro Alexandre Barreiros Nunes Rodrigues, sito na Rua Mouzinho da Silveira, n.º 32, 2.º andar, por escritura de justificação, outorgada aos dezasseis de julho de dois mil e vinte e quatro, lavrada a folhas onze e seguintes do livro de notas seiscentos e oitenta e dois, foi por:

FRANCISCO JOSÉ MONTEIRO ROMÃO VIEGAS, NIF 223.632.716, solteiro, maior, natural de Angola, residente na Rua Manuel Agro Ferreira, n.º 16 – rés do chão C, 2825-362 Costa da Caparica, justificado que é dono e legítimo possuidor, com exclusão de outrem, do prédio urbano sito em Marco Cabaço à Quinta Nova, lote 45, composto de terreno para construção, na freguesia de Charneca de Caparica, concelho de Almada, descrito na Segunda Conservatória do Registo Predial de Almada sob o número **dezasseis mil seiscentos e sessenta e quatro**, da dita freguesia, com a aquisição registada a favor de José de Almeida Ribeiro e mulher, Maria de Jesus Ribeiro, pela inscrição correspondente à apresentação quarenta e dois de doze de setembro de mil novecentos e setenta e nove, ainda inscrito na matriz predial rústica sob o artigo 10 da Secção AG, com o valor patrimonial de 44,75 € e ao qual atribuiu o valor de CINCO MIL EUROS.

Que sua falecida mãe, Maria da Conceição Rosa Monteiro, comprou verbalmente o imóvel aos titulares inscritos, José de Almeida Ribeiro e mulher, Maria de Jesus Ribeiro, em julho de mil novecentos e setenta e sete, tendo desde essa data entrado na posse do imóvel e fruição do mencionado imóvel, em nome próprio e, posteriormente, por sucessão, o ora justificante, único herdeiro, posse que assim detêm há mais de vinte anos, sem interrupção, ou ocultação de quem quer que seja, sem que, no entanto, ficassem a dispor de título formal que lhes permita o respetivo registo na Conservatória do Registo Predial.

Essa posse foi adquirida e mantida sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente, com o conhecimento de toda a gente, em nome próprio e com o aproveitamento de todas as utilidades, tendo sempre suportado todos os encargos e despesas de conservação, respetivos impostos, e todas as demais despesas de reparação e procedendo às manutenções necessárias e agindo de forma correspondente ao exercício do direito de propriedade.

Essa posse em nome próprio, pacífica, contínua e pública há mais de vinte anos, conduziu à aquisição do identificado imóvel por USUCAPIÃO, que invoca, justificando o seu direito de propriedade para efeitos de registo predial, dado que esta forma de aquisição não pode ser comprovada por qualquer outro título formal extrajudicial.

Lisboa, 16 de julho de 2024

O Adjunto
Rui Miguel Luzia Valério

(no uso da autorização conferida nos termos do artigo 8.º do Decreto-Lei 26/2004, de 04.02)

Que o valor deste extracto está incluído na conta da escritura a que se refere, da qual foi emitido recibo.

CONVOCATÓRIA

Nos termos da Lei, convoca-se todos os acionistas da sociedade anónima sob a firma “BELA VISTA - Administração de Bens, S.A.”, pessoa coletiva n.º 503 971 286, matriculada sob o mesmo número na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, com sede na Estrada da Luz, N.º 90 — 50 E, em Lisboa, freguesia de S. Domingos de Benfica, concelho de Lisboa, com o capital social de 250.000 Euros (duzentos e cinquenta mil euros), para se reunirem em Assembleia Geral pelas catorze horas e trinta minutos do dia 27 de agosto de 2024, na Estrada da Luz, N.º 90 - 50 E, em Lisboa com a seguinte ORDEM DE TRABALHOS:

1. Deliberar sobre o Relatório de Gestão e as contas de exercício referente ao ano de 2023.
2. Deliberar sobre a proposta de aplicação de resultados.
3. Apreciação geral dos Órgãos de Administração e Fiscalização da sociedade.

Informa-se os senhores acionistas de que podem consultar os elementos contabilísticos relativos ao exercício de 2023 no escritório do Presidente da Mesa da Assembleia Geral, sito na Estrada da Luz, N.º 90 – 50 E, 1600-160 Lisboa, telefone 213 827 260, onde a sociedade tem a sua sede.

Lisboa, 17 de julho de 2024

O Presidente da Mesa
Luís Borges Rodrigues

CARTÓRIO NOTARIAL DE ODIVELAS

de Catarina Silva

PUBLICAÇÃO

Catarina Sofia Martins da Costa Silva, Notária com Cartório sito na Rua Alfredo Roque Gameiro, 20 A, em Odivelas, faz saber que no dia quinze de julho de dois mil e vinte e quatro, no referido Cartório Notarial, foi celebrada escritura pública de Justificação, lavrada a folhas 43 e seguintes do Livro 534-A:

JUSTIFICANTES: Maria Virgínia Soares da Rocha Firmino de Aguiar, contribuinte fiscal número 125394691, natural da freguesia de São Sebastião da Pedreira, concelho de Lisboa, viúva, residente na Rua Antero de Quental, 23, 1.º esquerdo, Odivelas, **Ana Sofia Rocha Aguiar Rodrigues**, contribuinte fiscal número 211599808, natural da freguesia de São Cristóvão e São Lourenço, concelho de Lisboa, e marido, Pedro Miguel Alves Alexandre Rodrigues, contribuinte fiscal número 214597555, natural da freguesia e concelho de Loures, casados sob o regime de comunhão de adquiridos, residentes no Beco do Poço n.º13, rés do chão, Ponte de Lousa, em Loures, e **Nuno Alexandre Rocha de Aguiar**, contribuinte fiscal número 123546524, natural da freguesia de São Cristóvão e São Lourenço, concelho de Lisboa, e mulher, Célia Cristina Rodrigues de Almeida de Aguiar, contribuinte fiscal número 212287869, natural de Angola, casados sob o regime de comunhão de adquiridos, residentes na Rua Fernão Lopes n.º 4, rés do chão dto., Vila Franca de Xira, são donos e legítimos possuidores do seguinte prédio: Fração autónoma designada pela letra “D”, a que corresponde o primeiro andar esquerdo, do prédio urbano, em regime de propriedade horizontal, denominado Casal do Falcão, lote R-12, situado na Pontinha, Avenida de São Pedro, freguesia de Pontinha, concelho de Odivelas, descrito na Conservatória do Registo Predial de Odivelas sob o número mil novecentos e cinquenta e seis, com a aquisição registada a favor de Isabel Maria de Lencastre Teixeira da Mota do Amaral pela apresentação cinquenta e um, de onze de julho de mil novecentos e noventa e um, inscrito na União de Freguesias de Pontinha e Famões sob o artigo 637, com o valor patrimonial de 51.521,40 euros, à qual atribuem igual valor.

MODO DE AQUISIÇÃO: Que o seu falecido marido e pai, respetivamente, Luís António Firmino de Aguiar, com quem a primeira outorgante foi casada, adquiriu a referida fração por compra e venda meramente verbal efetuada ao titular inscrito em 1981, tendo os ora justificantes lhe sucedido na posse, na qualidade de únicos herdeiros.

Odivelas, 19 de julho de 2024

A notária
Catarina Sofia Martins da Costa Silva

GRIMALDI LINES

Week 30

West Africa Southern Express	Grande Congo GCG0524	Grande Atlantico GAT0524
Antwerp	15/07	04/08
LeHavre	19/07	08/08
Leixoes	22/07	11/08
Dakar	28/07	17/08
Conakry		
Lome	03/08	23/08
Luanda	07/08	27/08
Pointe Noire	10/08	30/08
Douala	13/08	02/09

Euroaegean Northbound	Grande Anversa GAV0624	Grande Italia GIT0724
Antwerp	-	-
Livorno	21/07	01/08
Valencia	-	-
Tanger Med	24/07	04/08
Setúbal	26/07	05/08
Portbury	30/07	09/08
Cork	31/07	10/08
Vigo	06/08	16/08

Euroaegean Southbound (Euroshuttle)	Grande Italia GIT0624	Grande Spagna GSP0524
Vigo	09/07	-
Cork	12/07	-
Antwerp	13/07	23/07
Portbury	16/07	25/07
Setúbal	21/07	29/07
Valencia	22/07	31/07
Livorno	24/07	02/08
Civitavecchia	25/07	03/08

Grimaldi Portugal

info@grimaldi.pt | Lisboa: 213 216 300 - Leixões: 229 998 450 - Setúbal: 265 526 018

MUNICÍPIO DO SEIXAL

CÂMARA MUNICIPAL

Hasta pública para concessão de duas cafetarias a implantar nos Parques Urbanos do Seixal e de Fernão Ferro (conceção, construção e exploração)

Paulo Alexandre da Conceição Silva, Presidente da Câmara Municipal do Seixal, torna público, nos termos e para efeitos do disposto no artigo 56.º do Anexo I à Lei n.º 75/2013, de 12 de setembro, em cumprimento da deliberação n.º 161/2024-CMS, de 29 de maio, que aprovou o procedimento, o respetivo Regulamento e a constituição do Júri, determinou que as propostas, elaboradas nos termos dos pontos 8 e 9 do Regulamento, deverão ser entregues até às 17 horas do dia 9 de agosto. O procedimento é objeto de publicitação por edital, publicado no sítio de Internet do Município do Seixal e afixado nos lugares de estilo e em dois jornais de âmbito nacional.

Objeto
Dadas as oportunidades naturais oferecidas pelos parques urbanos e por se tratarem de espaços públicos muito procurados para passeios e atividades de lazer, é pretensão da Câmara Municipal do Seixal criar condições para a conceção, construção e exploração de cafetarias a implantar no Parque Urbano do Seixal e no Parque Urbano de Fernão Ferro (Quinta das Lagoas), com vista a um serviço qualificado e diferenciador.

Elementos disponíveis e esclarecimentos
O Regulamento e procedimentos estarão disponíveis para consulta no *site* da Câmara Municipal do Seixal **(https://cm-seixal.pt)** e no Gabinete de Desenvolvimento Económico e Turismo, sito na Alameda dos Bombeiros Voluntários, nos dias úteis das 9 às 12.30 horas e das 14 às 17.30 horas, onde serão prestados eventuais esclarecimentos sobre os mesmos.
Todos os esclarecimentos devem ser requeridos através de correio eletrónico **(desenvolvimento.economico@cm-seixal.pt)**, no primeiro terço do prazo para apresentação das propostas, devendo ser respondidos no prazo de 10 (dez) dias úteis.

Júri
A análise de propostas é efetuado por um Júri, composto pelos seguintes elementos:

a. Presidente da Comissão: Arq.ª Carla Jardim, Chefe da Divisão de Desenvolvimento Estratégico;
b. Primeiro Vogal Efetivo: Dr.ª Sílvia Lopes, Coordenadora do Gabinete de Desenvolvimento Económico e Turismo;
c. Segundo Vogal Efetivo: Dr.ª Carla Ribeiro, Técnica Superior do Gabinete de Desenvolvimento Económico e Turismo;
d. Primeiro Vogal Suplente: Dr.ª Ana Cardeira, Técnica Superior do Gabinete de Desenvolvimento Económico e Turismo;
e. Segundo Vogal Suplente: Dr.ª Margarida Nunes, Técnica Superior do Gabinete de Desenvolvimento Económico e Turismo.

VENDE-SE **TERRENO COM ± 10.000 M² PARA INDÚSTRIA E ± 5.000 M² PARA 5 LOTES MORADIAS**

Muito bem localizado, em Mogofores, Anadia. 40º 26 53,69 N e 8º 27 32, 22 W. Junto à linha do Norte, com 3.ª via na linha para cargas e descargas.

Bom negócio. Tlm: 933261001

Do "eu não deveria estar aqui" e apelo à união, aos ataques: 93 minutos do *show* Trump

EUA Convenção republicana termina com o partido unido em torno da candidatura do ex-presidente, que bateu por mais quase 20 minutos o próprio recorde do mais longo discurso nestes eventos.

TEXTO **SUSANA SALVADOR**

Foi um Donald Trump emotivo aquele que começou o discurso de aceitação da candidatura republicana à Casa Branca, contando em pormenor – e prometeu só o fazer esta vez, por ser "demasiado doloroso" – a tentativa de assassínio de que foi alvo há uma semana, num comício na Pensilvânia. Mas a emoção e os apelos à união – "a discórdia e a divisão na nossa sociedade devem ser curadas" – que marcaram a primeira parte da intervenção, deram lugar às críticas e aos ataques de sempre à medida que o tempo passava e se desviava do que estava no teleponto. Trump acabou por falar 93 minutos, batendo por quase 20 minutos o recorde do mais longo discurso de aceitação que tinha feito em 2016.

"Eu não deveria estar aqui esta noite", lançou o ex-presidente com o penso na orelha direita, com a multidão em Milwaukee a gritar que "sim", que ele estava bem ali. Trump disse acreditar ter sido salvo por uma intervenção divina – "a bala do assassino ficou a milímetros de acabar com a minha vida" –, lembrando o seu apoiante que não teve a mesma sorte e morreu, Corey Comperatore, um antigo chefe dos bombeiros de 50 anos. Em palco, foi colocado o seu fato de bombeiro, cujo capacete Trump beijou.

O candidato republicano insistiu depois na ideia da "união", que já tinha defendido nas várias intervenções nas redes sociais após a tentativa de assassínio. "Numa época em que a nossa política nos divide frequentemente, é agora o momento de nos lembrarmos de que somos todos concidadãos. Somos uma nação sob Deus, indivisível, com liberdade e Justiça para todos", afirmou.

"Estou a concorrer para ser o presidente de toda a América, não apenas de metade da América, porque não há vitória em ganhar para metade da América", disse o ex-presidente. Mas o apelo à união veio de imediato seguido da crítica aos democratas, que acusou de "demonizarem o desacordo político" e de o acusarem de ser "inimigo da democracia" quando – alega – ele é quem está a "salvar a democracia".

O discurso encaminhou-se então para um mais tradicional de campanha, mesmo se Trump só mencionou por duas vezes o nome de Joe Biden (em 2020 tinha-o mencionado mais de 40 vezes). O republicano acusou o democrata de fazer mais danos do que os dez piores presidentes norte-americanos de sempre – um dano "impensável", alegou.

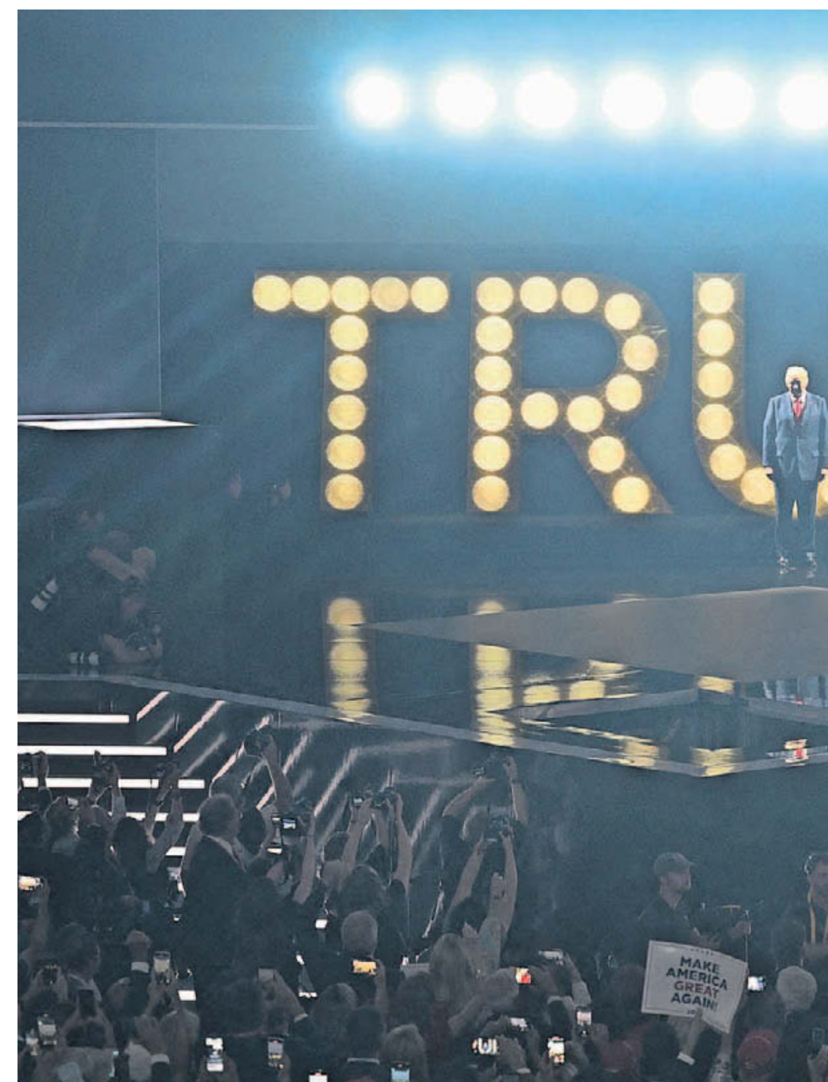
> "Estou a concorrer para ser o presidente de toda a América, não apenas de metade da América", disse Trump, que alega que está a "salvar a democracia" e não a destruí-la, como dizem os democratas.

A partir da sua casa do Delaware, onde está a recuperar da covid-19, Biden apelidou o discurso de "sombrio" e disse que para a semana regressa à campanha. "Ganharemos", afirmou num comunicado. Mas a pressão para que desista é cada vez maior e os republicanos, que já têm preparados os argumentos contra o presidente – centrados na sua idade e capacidade mental – podem ver-se obrigados a mudar de estratégia a qualquer momento.

Trump sai da convenção republicana mais reforçado do que nunca, com o partido unido em torno da sua candidatura e totalmente refeito à sua imagem. O movimento *MAGA* (*Make America Great Again*) que lançou em 2016 está para ficar, como prova a escolha de J.D. Vance para candidato a vice-presidente. O senador tem apenas 39 anos – Trump tem 78 – e é um dos rostos da nova geração do *MAGA*.

Apesar de estar em alta, o republicano não vai parar depois do espetáculo da convenção – que terminou com a sua família em palco, incluindo a mulher Melania que tem estado ausente da campanha. Este sábado está previsto o primeiro comício ao lado de Vance, em Grand Rapids.

susana.f.salvador@dn.pt



Joe Biden continua na corrida à Casa Branca e é para ganhar

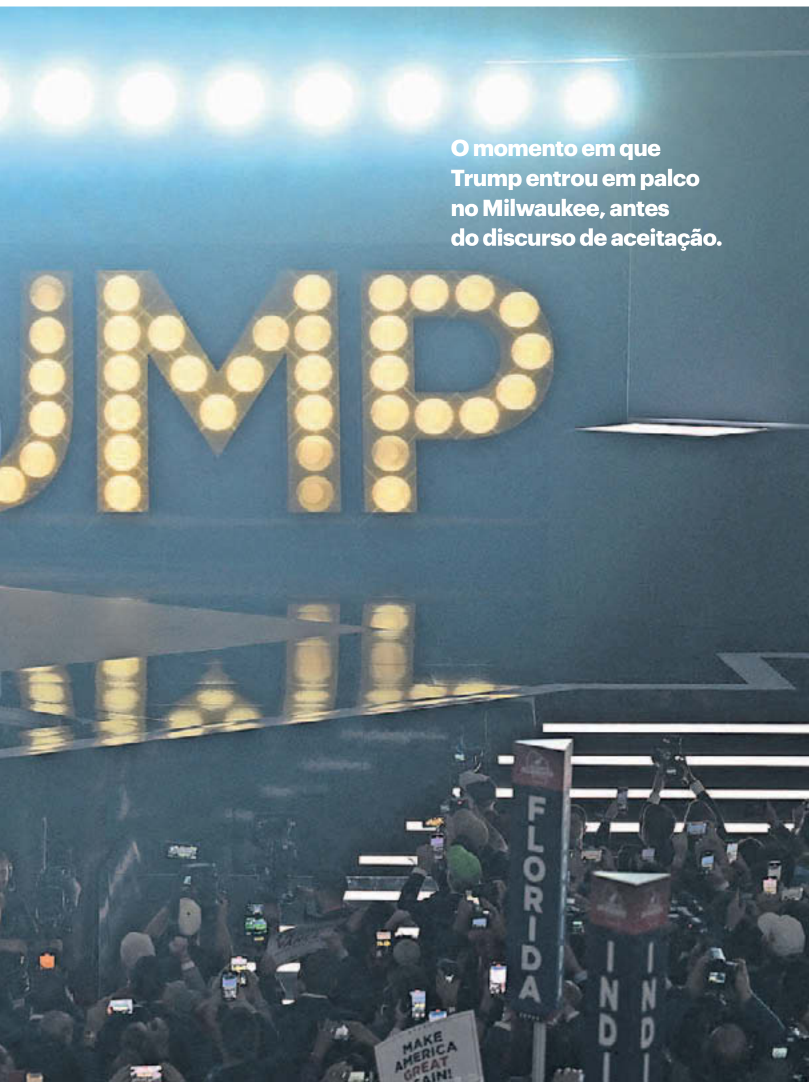
DEMOCRATAS Diretora de campanha admite que as últimas semanas têm sido difíceis, mas minimiza efeito.

Joe Biden continua "em absoluto" na corrida à Casa Branca, garantiu ontem a diretora de campanha do presidente dos Estados Unidos em resposta à crescente pressão dos aliados democratas para o seu afastamento, devido às preocupações com sua idade e saúde.

Jen O'Malley Dillon reconheceu, no entanto, que houve alguma "derrapagem" no apoio a Biden desde o seu desempenho desastroso no debate contra Donald Trump, mas insistiu que, mesmo assim, sairá vencedor em novembro.

"O presidente está em absoluto nesta corrida", afirmou Dillon no programa *Morning Joe*, da MSNBC. "Joe Biden está mais empenhado do que nunca em derrotar Donald Trump", prosseguiu a responsável, lembrando que os norte-americanos "já ouviram diretamente do presidente várias vezes: ele está nesta corrida para ganhar, e ele é o nosso nomeado, e ele vai ser o nosso presidente num segundo mandato".

Biden encontra-se atualmente em isolamento na sua casa de praia no Delaware depois de ter sido diagnosticado, na quarta-feira, com covid-19. Na quinta-feira veio a público que democratas de peso como Barack Obama e Nancy Pelosi, antiga líder da Câmara dos Representantes, e os atuais líderes democratas no Senado e na Câmara,



O momento em que Trump entrou em palco no Milwaukee, antes do discurso de aceitação.

ANDREW CABALLERO-REYNOLDS / AFP

Chuck Schumer e Hakeem Jeffries, mostraram preocupação em privado com a possibilidade de Biden não conseguir vencer as Presidenciais. Paralelamente, mais de 20 congressistas democratas e três senadores já pediram publicamente a Biden para se retirar da corrida. "Não estou aqui para dizer que não tenham sido semanas difíceis para a campanha", declarou Jen O'Malley Dillon. "Não há dúvida de que sim, e definitivamente vimos alguma queda no apoio, mas foi um pequeno movimento".

Ontem, Hakeem Jeffries foi questionado, numa entrevista à rádio WNYC, sobre se acha ou não que Biden se deve manter na corrida, tendo dito que "a decisão pode ser tomada apenas por um único indivíduo, o presidente dos Estados Unidos da América".

"O presidente Biden está certo quando diz que passou por um processo primário e cerca de 14 milhões de eleitores lhe deram a nomeação democrata. A decisão é dele", acrescentou, recusando divulgar detalhes de uma reunião que teve com o presidente na quinta-feira.

Uma sondagem AP-NORC divulgada ontem mostra que seis em cada dez democratas acreditam que a vice-presidente Kamala Harris faria um bom trabalho se liderasse a candidatura, dois em cada dez não acreditam que ela o faria, e outros dois em cada 10 dizem que não sabem o suficiente para responder. Quando a amostra é alargada para os norte-americanos no geral, apenas três em cada dez dizem que Harris se sairia bem como presidente, metade acredita que não faria um bom trabalho, e dois em cada dez dizem que não saber o suficiente. **A.M.**

Líder da minoria democrata na Câmara dos Representantes refere que a decisão é de Biden, lembrando que ele foi escolhido nas primárias.

Zelensky pede a Starmer luz verde para usar armas ocidentais contra a Rússia

REINO UNIDO Presidente ucraniano foi o primeiro líder estrangeiro, desde Bill Clinton, a discursar no Conselho de Ministros.

O presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, pediu ontem ao primeiro-ministro britânico, Keir Starmer, que "mostre liderança" e ajude a convencer os Aliados Ocidentais a deixarem usar as armas de longo alcance que estão a fornecer contra alvos no interior da Rússia. Zelensky foi o primeiro líder estrangeiro a participar em pessoa num Conselho de Ministros britânico desde o presidente norte-americano Bill Clinton, em 1997.

"A Ucrânia está, e estará, sempre no coração da agenda deste Governo e, por isso, é justo que o presidente Zelensky faça um discurso histórico para o meu Gabinete", disse Starmer, antes da reunião. O líder ucraniano foi recebido com uma ovação pelos membros do Governo trabalhista, agradecendo o privilégio de estar presente.

Na sua intervenção, Zelensky renovou os pedidos para o reforço da capacidade de combate de longo alcance. "Se as restrições ao uso de armas ocidentais contra o Exército russo forem levantadas, podemos atingir mais longe do que só junto à fronteira", disse, alegando que isso permitirá aos ucranianos protegerem-se das ofensivas e das bombas russas. "Peço-lhe que mostre liderança nisto e convença outros parceiros a removerem os limites", defendeu.

Após meses de guerra e receio de que o fornecimento de mísseis de longo alcance pudesse levar a uma escalada do conflito, os Aliados Ocidentais acabaram por ceder e transferir essas armas para Kiev. Contudo, com indicações de que deviam ser usados de modo defensivo, tendo os ucranianos já atingido vários alvos russos, mas dentro da Ucrânia ou junto à fronteira.

"Estamos a providenciar armas à Ucrânia para a defesa da sua soberania. E isso não os impede de atingir alvos na Rússia", disse o ministro da Defesa britânico, John Healey, à BBC. "Mas isso deve ser feito pelos ucranianos e deve ser feito dentro dos parâmetros dos limites da lei humanitária internacional", acrescentou.

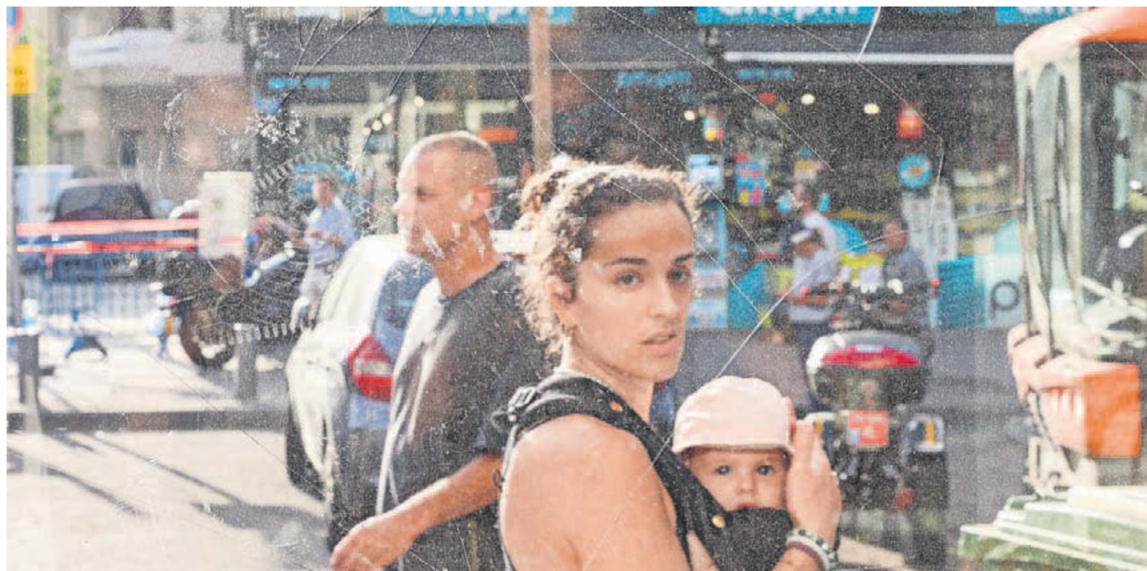
Noutra entrevista, à Times Radio garantiu que o Reino Unido irá continuar a ajudar a Ucrânia todos os anos até ao final da década. "Se partirmos do princípio de que a defesa do Reino Unido começa na Ucrânia e se [o presidente russo, Vladimir] Putin vencer na Ucrânia, ele não vai parar por aí, por isso temos de ficar ao lado da Ucrânia. Estamos determinados a fazer isso." **S.S.**

16 anos de prisão para Gershkovich

Um tribunal russo condenou o jornalista norte-americano Evan Gershkovich, do *Wall Street Journal*, a 16 anos de prisão por espionagem. O presidente dos EUA, Joe Biden, disse em comunicado que ele não cometeu "nenhum crime" e que a Casa Branca continua a pressionar para a sua libertação. O jornal denunciou uma "condenação vergonhosa e falsa", enquanto a União Europeia criticou o "julgamento fraudulento" e considerou esta condenação "a antítese da Justiça".


Zelensky foi recebido com uma ovação pelos ministros britânicos.

RICHARD POHLE / POOL / AFP


GIL COHEN-MAGEN / AFP

Uma mulher com um bebé passa por vidro estilhaçado pelo ataque do Iémen contra Telavive.

Israel promete "acertar contas" por ataque *Houthi*

GUERRA *Drone* atingiu Telavive e matou um civil. Exército israelita diz que alarmes de ataque aéreo não soaram devido a um erro humano.

TEXTO **ANA MEIRELES**

O ministro da Defesa de Israel prometeu "acertar as contas" depois de um civil ter morrido ontem na sequência de um ataque com *drone* em Telavive reivindicado pelos rebeldes *Houthi* do Iémen, apoiados pelo Irão. Yoav Gallant adiantou ter ordenado um "fortalecimento dos sistemas de defesa aérea" numa reunião de chefes militares. "O sistema de segurança acertará as contas com todos os que tentarem prejudicar o Estado de Israel, ou enviarem terrorismo contra ele, de forma decisiva e surpreendente", afirmou o ministro em comentários publicados no X.

Este último ataque fez aumentar as tensões no Médio Oriente. "Temos de estar preparados para todos os cenários em todas as frentes. Temos de estar preparados com ações defensivas e ofensivas", indicou ainda Gallant.

O primeiro-ministro, Benjamin Netanyahu, não comentou o ataque, mas fez por telefone uma "avaliação da situação de segurança com a participação dos chefes do aparelho de Defesa", segundo o seu gabinete.

O ataque matou o israelita nascido na Bielorrússia Yevgeny Ferder, de 50 anos, quando estilhaços atingiram a sua casa após a explosão do *drone*, ferindo outras oito pessoas.

O Exército israelita confirmou que um *drone Sammad-3*, de fabrico iraniano, lançado do Iémen, atingiu o espaço aéreo de Telavive, perto da Embaixada dos Estados Unidos, ao início da manhã. Os alarmes de ataque aéreo não soaram devido a um "erro humano", foi acrescentado.

Os *Houthis* também afirmaram ter lançado um míssil balístico e três outros *drones* contra Telavive, que foram intercetados por baterias antiaéreas norte-americanas posicionadas na região, antes de atingirem o espaço aéreo israelita, mas um quarto *drone* explodiu sobre a cidade.

> Tribunal Internacional de Justiça deliberou ontem que as décadas de ocupação dos territórios palestinianos por Israel é ilegal.

Ocupação ilegal

Ontem também, o Tribunal Internacional de Justiça deliberou que a ocupação de décadas dos territórios palestinianos por Israel é ilegal e precisa terminar "o mais rápido possível".

A Assembleia-Geral da ONU solicitou ao TIJ no final de 2022 que emitisse um "parecer consultivo" sobre as "consequências jurídicas decorrentes das políticas e práticas de Israel no Território Palestiniano Ocupado, incluindo Jerusalém Oriental". "O tribunal concluiu que a presença contínua de Israel nos Territórios Palestinianos é ilegal", disse ontem o juiz presidente do TIJ, Nawaf Salam, acrescentando: "Israel deve acabar com a ocupação o mais rápido possível."

Israel não participou nas audiências levadas a cabo pelo TIJ em fevereiro, tendo, em vez disso, apresentado uma contribuição escrita na qual descrevia as questões colocadas ao tribunal como "preconceituosas" e "tendenciosas". **Com Agências**

Protestos estudantis fazem mais de 60 mortos

BANGLADESH Manifestantes exigem o fim do sistema de quotas de emprego na Função Pública.

Manifestantes estudantis do Bangladesh invadiram ontem uma prisão e libertaram centenas de presos, enquanto a polícia lutava para reprimir os distúrbios, com grandes manifestações na capital, Daca, apesar da proibição de reuniões públicas.

Os distúrbios desta semana mataram pelo menos 64 pessoas, de acordo com uma contagem de vítimas da AFP relatada por hospitais, e surgiram como uma ameaça sem precedentes ao Governo autocrático da primeira-ministra Sheikh Hasina, há 15 anos no cargo.

Os manifestantes invadiram uma prisão em Narsingdi, no centro de Bangladesh, e libertaram os presos antes de incendiarem as instalações, disse um polícia à AFP sob condição de anonimato. "Não sei o número de presos, mas seria na casa das centenas."

O Bangladesh está a enfrentar um surto de violência que já provocou a morte de dezenas de pessoas em manifestações, que exigem o fim do sistema de quotas de emprego na Função Pública, que reserva mais de metade das vagas para grupos específicos. Por exemplo, 30% dos cargos são para os filhos dos veteranos da guerra de libertação do país, em 1971, ferramenta que os manifestantes dizem recompensar os leais a Hasina.

Entretanto, as manifestações escalaram também para pedidos à destituição de Hasina. "Abaixo a ditadora", gritavam os manifestantes esta semana em vários comícios em Daca.

DN/AFP

Líder do Partido Comunista do Vietname morre aos 80 anos

ÓBITO Nguyen Phu Trong era considerado o dirigente mais poderoso do país e estava no poder desde 2011.

O secretário-geral do Partido Comunista do Vietname, Nguyen Phu Trong, considerado o dirigente mais poderoso do país e no poder desde 2011, morreu aos 80 anos vítima de doença, anunciou ontem o partido em comunicado, citado pelos *media* estatais, adiantando ainda que será realizado um funeral de Estado.

Trong dominava a política vietnamita desde 2011, quando foi eleito líder do Partido Comunista. Durante o mandato, Trong trabalhou para consolidar o poder do PC no sistema político de partido único em vigor no Vietname – oficialmente, o país não tem um líder máximo, mas o chefe do PC é tradicionalmente visto como a mais poderosa figura política.

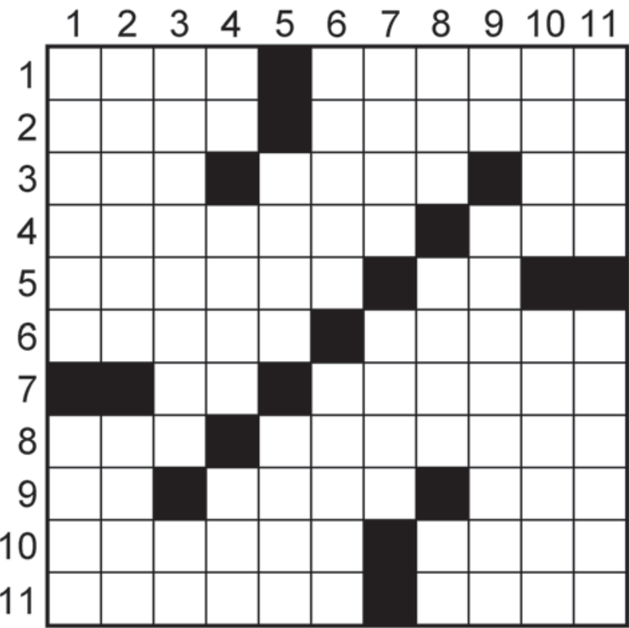
Estudou na antiga União Soviética entre 1981 e 1983 e especulou-se que o Vietname assumiria uma posição de proximidade com a Rússia e a China sob a sua liderança.

No entanto, o país seguiu uma política pragmática conhecida como "diplomacia do bambu", uma frase que Nguyen Phu Trong proclamou e que se refere à flexibilidade da planta, que se dobra, mas não se quebra "perante os ventos contrários da geopolítica".

O Vietname manteve os laços tradicionais com a China, disputando diferenças de soberania no Mar do Sul da China, mas também se aproximou dos Estados Unidos, estreitando os laços com o antigo inimigo.

DN/LUSA

PALAVRAS CRUZADAS



Horizontais:

1. Espécie de padiola para transporte de doentes. Subir a (servindo-se dos membros). **2.** Bramido de certas feras. Isolamento temporário. **3.** Prefixo (novo). Pequeno pano ou tecido para tirar os tachos e panelas do lume. A mim. **4.** Vadio. Casal. **5.** Língua própria de um povo ou nação. Presidente da República (abreviatura). **6.** Volta em espiral. Chalaça (popular). **7.** A ti. Pequena vasilha para transporte de líquidos em viagem. **8.** Elogio. Planta da qual se extrai o ópio. **9.** Avenida (abreviatura). Estampilha. Dez vezes dez. **10.** Condutor. Mulher nobre. **11.** Aplanar. Discursar.

Verticais:

1. Ordenhar. Cavidade em rochedo. **2.** Esfregado com areia ou outro pó. Curral de ovelhas. **3.** Escritor de crónicas. Rio chinês muito visitado por turistas. **4.** «A» + «o». Que tem sabor agradável. Sigla de «Save Our Souls». **5.** Mamífero carnívoro da América, da família dos Felídeos. Mentira. **6.** Tira de couro a que o cão vai preso. Quentura. **7.** Sulco natural ou artificial por onde passa água. Estômago (figurado). **8.** Sétima letra do alfabeto grego. Posição vertical do corpo com a cabeça para baixo. «De» + «o». **9.** Décima sexta letra do alfabeto grego. Exercer. **10.** Recurso (figurado). Situação embaraçosa, entre duas soluções fatais, mas ambas difíceis ou penosas. **11.** Ratar. Cordão de metal ou de requife que guarnece ou abotoa a frente do vestuário.

SUDOKU

3						5		
	6		3		4		9	
1	4		2	5		7		6
5		7			6			9
				1		3	7	
9				4				2
		3			9	6		4
2			7			1		
		8		2			5	

SOLUÇÕES

3	7	2	6	9	1	5	4	8
8	6	5	3	7	4	2	9	1
1	4	9	2	5	8	7	3	6
5	2	7	8	3	6	4	1	9
4	8	6	9	1	2	3	7	5
9	3	1	5	4	7	8	6	2
7	5	3	1	8	9	6	2	4
2	9	4	7	6	5	1	8	3
6	1	8	4	2	3	9	5	7

Palavras Cruzadas

Horizontais:

1. Maca. Trepar. 2. Urro. Retiro. 3. Neo. Pega. Me. 4. Gandulo. Par. 5. Idioma. PR. 6. Rosca. Piada. 7. Te. Cantil. 8. Loa. Papoila. 9. Av. Selo. Cem. 10. Piloto. Dama. 11. Alisar. Orar.

Verticais:

1. Mungir. Lapa. 2. Areado. Ovil. 3. Cronista. Li. 4. Ao. Doce. SOS. 5. Puma. Peta. 6. Trela. Calor. 7. Rego. Papo. 8. Eta. Pino. Do. 9. Pi. Praticar. 10. Arma. Dilema. 11. Roer. Alamar.



Apesar de inscrito como atleta do Benfica, Pichardo não representa o clube.

Associações de Lisboa e Setúbal questionam inscrição de Pichardo

ATLETISMO "Não sei, mas é bom saber se a medalha e os mínimos olímpicos são válidos", diz ao DN Luís Jesus da AAL. Federação defende que atleta sempre esteve registado. Benfica e atleta em silêncio.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

Algumas associações de Atletismo, incluindo Setúbal e Lisboa, estão a questionar a validade da inscrição de Pedro Pichardo, bem como a participação do Campeão Olímpico do triplo salto em provas internacionais, junto da Federação Portuguesa de Atletismo (FPA). Em causa, segundo a troca de *e-mails* a que o DN teve acesso, está o facto de o atleta, que está em litígio contratual com o Benfica, surgir filiado (inscrito) no dia 8 de julho, às 19.55, sem a "necessária validação legal" da Associação de Atletismo de Lisboa (AAL).

E como a filiação administrativa aconteceu já depois de o triplista ter competido na Liga Diamante e ter conseguido a marca de qualificação olímpica para Paris2024, no dia 20 de abril, e de ter competido nos Europeus de Roma, onde no dia 11 de junho conquistou uma Medalha de Prata, "é legítimo" questionar se são válidas, disse ao DN Luís Jesus, presidente da AAL, entidade que valida as filiações dos atletas e clubes de Lisboa e que foi ultrapassada nessa função no caso de Pichardo.

"O atleta tem de estar registado na Federação e o registo é a filiação. Se ele não estava filiado até dia 8, também não estava registado. Por isso, olhando às regras do nosso atletismo, o atleta não podia ter ido representar Portugal nos Europeus, nem podia ter ido à Liga Diamante, mesmo que seja uma prova por convite. Não sei, mas é bom saber se a medalha vai ficar com o Pichardo e se os mínimos olímpicos são válidos. Esta é a minha interpretação. A Federação provavelmente terá outra", disse ao DN o líder da AAL.

A mesma "indignação" mostrou o presidente da Associação de Atletismo de Setúbal, numa carta aberta enviada a todas as associações e à direção da Federação, a que o DN também teve acesso. José Serrano vincou o "atropelo dos regulamentos" e pediu igual tratamento para os 52 atletas setubalenses com filiação pendente.

A entidade federativa liderada por Jorge Vieira tem outro entendimento das regras. Para a FPA, o contrato plurianual que o clube da Luz registou na Federação em 2022 é válido até ao fim do mesmo, 2028, vinculando o atleta à Federação, que sempre o convocou como atleta do Benfica. Ao DN, a FPA só não esclareceu por que o registou então na plataforma oficial só no passado dia 8 de julho.

> No entender da Federação, o contrato plurianual que o clube da Luz registou na Federação em 2022 é válido até ao fim do mesmo, 2028, vinculando o atleta à Federação, que sempre o convocou como atleta cdo Benfica.

Essa também é uma questão que as associações colocam. Se já estava inscrito porquê o registo na plataforma oficial? "Nesse dia 8 à noite recebo um telefonema do vice-presidente da Federação, Paulo Bernardo, que me informou que o Pichardo tinha sido filiado administrativamente pela Federação, argumentando que o atleta tem um contrato plurianual com a Benfica. Questionei-o se o atleta e o clube sabiam e ele não respondeu", acrescentou Luís Jesus.

O facto é que no dia a seguir, apesar de inscrito, Pichardo não se apresentou nas Nacionais de Atletismo, em Viseu, nem competiu pelo Benfica, que acabou por ser Campeão Nacional sem o contributo do Campeão Olímpico. Contactado pelo DN, Pedro Pichardo, através da Polaris, agência que o representa, remeteu explicações para o Benfica, apesar de devidamente informado de que o caso era pessoal e não contratual. Já o clube da Luz ignorou os contactos do DN e não mostrou interesse em esclarecer o assunto.

Como funciona a filiação?

Para se perceber este caso é necessário saber como funciona a filiação do atleta. "O clube regista o contrato na Federação e manda convites aos atletas através de um *e-mail* dentro da própria plataforma da Federação, a convidá-los para aceitarem ser atletas do clube. O atleta, quando recebe o *e-mail*, abre-o, carrega no *link* e valida o convite ou ignora-o. A Associação de Lisboa, depois de ver que um atleta validou o convite, verifica se tem seguro, exame médico e, se está tudo correto, valida-o para competir. Neste caso do Pichardo não fomos tidos, nem achados", explicou Luís Jesus, ressalvando que sem este processo, na sua opinião, não era possível competir a nível nacional ou internacional.

"Alegar interesse nacional como Federação neste caso é aceitável", mas a "dualidade de critérios é discriminatória", segundo Luís Jesus. E deu o exemplo de Salomé Afonso, atleta dos 1500 metros, que também tem contrato plurianual com o Sporting e, tal como Pichardo, não aceitou o convite: "Neste caso, a Federação ouviu a Salomé e o Sporting e decidiu colocar a Salomé como atleta individual. Por que não fez isso com o Benfica e o Pichardo?"

Seja, como for, o desporto português "merece" que isso seja clarificado, segundo o líder da associação de Lisboa. "Com devido respeito até para o Pedro Pichardo, que sempre que ele vai ao pódio é uma honra para os portugueses, mas todos têm de cumprir os regulamentos, a não ser que a Federação vá abrir outro precedente para justificar que um atleta de certo valor mundial ou olímpico está numa elite à parte e acima das regras. Será isso?", questionou, confessando não saber que consequências isto pode trazer, uma vez que nenhuma entidade clarifica em que condição o atleta competiu. O DN contactou a European Athletic e a World Athetics, mas não teve respostas.

Já o Comité Olímpico de Portugal disse ao DN que "não tem indicação da Federação Portuguesa de Atletismo ou da World Athetics de qualquer problema como a utilização de Pichardo". Ou seja, para já, nada indica que a participação em Paris 2024 está em risco, mas a polémica está instalada.

isaura.almeida@dn.pt

FC Porto vence Áustria Viena e chega aos 19 golos em 5 jogos

ESTÁGIO Golos de André Franco, Gonçalo Borges e Nico González valeram o triunfo em mais um jogo particular.

O FC Porto venceu ontem os austríacos do Áustria Viena, por 3-1, no segundo jogo particular dos dragões no estágio de preparação para a temporada futebolística de 2024-25, na capital austríaca.

André Franco, logo aos 10 minutos, deu vantagem aos azuis e brancos, mas, aos 45'+2, o defesa brasileiro Lucas Galvão levou o jogo empatado para o intervalo. O triunfo frente aos oitavos classificados da Liga austríaca na última temporada foi assegurado no segundo tempo, com golos de Gonçalo Borges, aos 74', e Nico González, aos 81'.

Este foi o segundo jogo aberto ao público da versão 2024-25 do FC Porto, comandada por Vítor Bruno, antigo adjunto de Sérgio Conceição, depois do triunfo frente ao Al Arabi, do Qatar, por 4-0, na terça-feira, já no estágio em solo austríaco.

Antes, os portistas tinham disputado três jogos à porta fechada e também com quatro golos marcados, frente a Sanjoanense (4-0), da Liga 3, Desportivo de Chaves (4-0), da II Liga, e Nacional (4-1), do escalão principal. No total são 19 golos marcados e dois sofridos em cinco jogos.

Os azuis e brancos têm como primeiro jogo oficial da temporada o embate da Supertaça Cândido Oliveira, a 3 de agosto, em Aveiro, frente ao Sporting, Campeão Nacional, que o FC Porto bateu na final da última edição da Taça de Portugal.

"Sabíamos que íamos defrontar uma equipa intensa, num campo pequeno. Fica sempre difícil jogar nestas condições. Nos últimos minutos do jogo começámos a entender melhor o que precisávamos de fazer e conseguimos vencer", disse Nico González, que já pensa no jogo com o Al Nassr – "vai ser muito bonito" – e no encontro da Supertaça com o Sporting: "Vai ser muito intenso." **DN/LUSA**



MARCO BERTORELLO / AFP

Tour. Pogacar vence etapa e fica mais perto da consagração

Tadej Pogacar (UAE Emirates) deu ontem um passo decisivo para conquistar pela terceira vez a Volta a França, depois de vencer isolado a 19.ª etapa da 111.ª edição, no alto de Isola 2000. O esloveno lidera agora a geral com 5.03 minutos de vantagem sobre o Bicampeão em título, o dinamarquês Jonas Vingegaard (Visma-Lease a Bike), e 7.01 sobre Remco Evenepoel (Soudal Quick-Step), com o seu colega português João Almeida a ser quarto, a 15.07.

Um amigo chamado Kafka



LIVRO No ano do centenário da morte do autor de *A Metamorfose,* a Relógio D'Água acaba de lançar um dos mais completos testemunhos acerca da sua personalidade. Sobre Franz Kafka é muito mais do que uma biografia – o amigo Max Brod escreve a partir do lugar da intimidade.

TEXTO **INÊS N. LOURENÇO**

Numa minissérie relativamente recente, vemos uma jovem, a própria protagonista, a tentar travar conversa com um rapaz que se destaca no meio de um ambiente de festa... por estar a ler um livro. Quando se encontram a sós, retirados da animação dentro do bar, e ela lhe pergunta sobre o objeto da sua leitura, ele responde que está a reler *A Metamorfose*, "sobre um homem que um dia acorda e se dá conta de que é um inseto". Di-lo com uma certa presunção intelectual, acrescentando que o autor do livro era um "visionário", tópico pouco entusiasmante para a pobre rapariga que, com ar de arrependimento, se limita a oferecer um gole na sua garrafinha de *whisky*, antes de correr para junto das amigas impelida pela consciência instantânea de que escolheu mal o engate.

Mais tarde, este estranho primeiro encontro dá frutos; mas entretanto já se colou a ideia de que o "autor visionário", Franz Kafka (1883-1924), não combina com o romantismo exigido pelas circunstâncias. É, pelo menos, isso que sugere a sua referência...

Obviamente, a cena descrita tem o seu quê de caricatura – pertence a *Uma Pequena Luz* (Disney+), série sobre Miep Gies, a secretária do pai de Anne Frank que ajudou esta família a esconder-se no anexo durante a ocupação nazi –, mas diz algo sobre o sentimento geral suscitado pela literatura de Kafka. Senão vejamos, por que razão relia o jovem *A Metamorfose*? Porque estava a passar um mau bocado.

Clichés mais ou menos inofensivos como este são agora colocados em perspetiva no notável volume *Sobre Franz Kafka,* editado pela Relógio D'Água (tradução de Susana Schnitzer da Silva e Ana Falcão Bastos), que reúne os três escritos fundamentais de Max Brod sobre esse seu contemporâneo e amigo próximo: *Franz Kafka, Uma Biografia*, *A Fé e a Doutrina de Franz Kafk*a e *Desespero e Redenção na Obra de Franz Kafka.* Um livro da autoria do executor testamentário desse ícone checo de língua alemã a surgir no ano do centenário da morte, a 3 de junho,

em jeito de reflexão sobre o lugar da sua obra num mundo que, segundo Brod, reteve mais facilmente os elementos "excêntricos" da sua literatura do que a luz escondida na escuridão das suas palavras.

Sobre Franz Kafka junta-se assim a um conjunto de discretas ações comemorativas, um pouco por toda a parte, como a produção de uma série alemã (que não chegou cá) ou o anúncio de um filme biográfico, assinado por Agnieszka Holland (com estreia em 2025), para além de reedições dos títulos mais conhecidos e um pequeno ciclo de cinema organizado, no início do ano, pelo Goethe-Institut, no âmbito do festival *KULTURfest*.

Sendo que, neste contexto, a compilação dos escritos de Max Brod são a verdadeira novidade editorial no mercado português, acrescentando uma camada humana de conhecimento e análise literária aos traços largos da biografia de Kafka, desde o nascimento à morte, por tuberculose, um exato mês antes de completar 41 anos.

Um requinte principesco

Comecemos pelo físico e presença deste judeu de Praga, que na capa do livro, em vez da tradicional fotografia a preto e branco, vem revestido de uma coloração de pintura "realista". Será uma forma de sinalizar a prosa de Brod como o grau máximo de proximidade das cores do amigo?

"À primeira vista, Kafka era um jovem saudável, embora notavelmente calmo, observador e reservado. As suas tendências mentais de modo nenhum se inclinavam para o doentio, ainda que interessante, para o bizarro ou o grotesco, mas sim para a grandiosidade da natureza e para o que há de salutar, firme e simples", "(...) a pessoa em si exercia influência (...), apesar de toda a sua modéstia de porte", lê-se no início das memórias de Brod, que se tornou confidente do futuro escritor nos tempos da universidade.

Três centenas de páginas mais à frente: "Quero aqui de novo evocar a figura do meu amigo: magro, alto, um tanto curvado, os olhos cinzentos, brilhantes e audazes, a tez morena (...), um sorriso simpático e delicado, quando, por vezes, uma expressão distraída e tristonha não lhe ensombrava o belo rosto de feições bem acentuadas (...), de um requinte principesco – é assim que o evoco."

Estas descrições da aparência e aura de Kafka não são apenas um fator de curiosidade. De cada vez que Max Brod recorre às marcas específicas da presença do biografado está a imprimir no leitor a noção de que a forma de estar e linguagem corporal dele eram indissociáveis de uma essência que passou para a sua arte, sem que a maioria dos "comentadores" da obra, como lhes chama o autor, tenha conseguido ultrapassar a barreira de certas impressões superficiais – ou leituras apressadas à luz de fenómenos do tempo – que, *grosso modo*, definiram o "kafkiano", esse adjetivo quotidianamente usado no discurso mediático para caracterizar situações absurdas e intoleráveis.

O que se entende por kafkiano, sobretudo na medida dos romances publicados postumamente, *O Processo* e *O Castelo*, está hoje um pouco mais esclarecido do que à época em que Brod escreveu as suas dissertações sobre o amigo. Porém – e como se verifica pelo exemplo com que abri este texto –, é verdade que persiste um lugar-comum negativo e pessimista onde se deveria vislumbrar alguma redenção.

Diz Brod a páginas tantas: "(...) A totalidade da obra de Kafka, que expõe, transido de dor, o anão mecânico 'homem', isolado no mundo moderno, sem amor, reduzido a si mesmo, na sua solidão, no isolamento entre os seus semelhantes – a totalidade dessa obra não é senão uma perífrase de um enunciado fundamental do Antigo Testamento: *Ama o teu próximo como a ti mesmo*."

A burocratização da existência

Defensor acérrimo do que se pode chamar a "alegria" de Franz Kafka no mundo e na vida, é claro que o autor não deixa de reconhecer a nuvem da depressão que envolve esta obra. Mas ao fazê-lo, situa-nos naquilo que foi a evolução do perfil do amigo dentro das condicionantes do cenário familiar, do trabalho como jurista na Companhia de Seguros para Operários (que limitou a sua verdadeira vocação para a literatura), dos sucessivos noivados e da consciência da morte, que veio com a deterioração progressiva da saúde. Ainda assim, os últimos anos de vida correspondem a uma das fases mais bonitas do espírito de Kafka, embelezada pelo amor de Dora Dymant – voltaremos a ela.



SOBRE FRANZ KAFKA
Max Brod
Relógio D'Água Editores
440 páginas

Portanto, a modernidade que se evidencia em qualquer livro de Kafka, partindo de uma absoluta exigência pessoal (necessidade de perfeição), cuja ironia se mistura com um sofrimento solitário, traduz-se na tal dimensão visionária da sociedade de massa, que burocratiza a existência a um ponto irresolúvel. Esse aspeto dominador, no sentido da base da sua popularidade, mas também a manifestação subtil do judaísmo na sua letra – ou a particularidade da sua fé –, assim como os detalhes mais quotidianos, a sua paixão por autores como Flaubert, as viagens, passeios e intensa prática de correspondência, a análise da ficção e dos aforismos, tudo isso preenche as páginas de *Sobre Franz Kafka*, com a qualidade singular do élan emocional.

A verdade é que o empenho de Brod em descortinar o fascínio humano de Kafka (génio que recusou votar ao esquecimento, publicando o que este lhe pedira para destruir), num tempo em que a "tralha" das interpretações equívocas se começavam a sobrepor à pureza que ele conheceu desde o princípio, longe do olhar do público, torna esta edição valiosíssima no registo de um ponto de vista íntimo, capaz de identificar com ternura aquilo que a frieza das lentes contemporâneas não alcança.

E nessa atitude, que implica igualmente uma reflexão contínua sobre o ato de biografar, capta-se a justeza de um labor que, acima de tudo, só quer firmar a ideia de que "não se pode separar o conteúdo da estrutura", ou seja, "a mestria estilística especial é não só um fenómeno estético, mas também moral, e a consequência da extrema honestidade de Kafka."

A história da boneca

Um dos episódios que demonstram às claras a tão defendida bondade do escritor é a (muito comovente) história real de uma boneca.

Foi já no seu último ano de vida que, um dia, passeando no parque de Steglitz, em Berlim, com a sua amada companheira Dora Dymant, encontrou uma menina a chorar. Perguntou-lhe por que estava triste e ela contou que perdera a sua boneca; ao que Kafka, segundo o relato de Dora, negou esse desaparecimento, para espanto da criança. "Foi só viajar", disse-lhe ele. "Ainda há pouco a encontrei e falei com ela. Prometeu-me enviar-te uma carta. Amanhã a esta hora vem aqui que eu trago-ta."

E assim aconteceu: o então desconhecido literato passou a escrever, ao longo de semanas, as cartas da boneca, até ser obrigado a mudar-se para o destino final (o sanatório), tendo ainda conseguido deixar à menina uma boneca apenas "transformada" pelos ares das viagens...

Esta história não se encontra em nenhum dos seus livros, mas há uma curta de animação de Bruno Simões que a narra em imagens. Chama-se *A Boneca de Kafka* (2022) e pode ser vista na plataforma Filmin. Fica a dica.



Max Brod, o biógrafo e executor testamentário de Kafka.

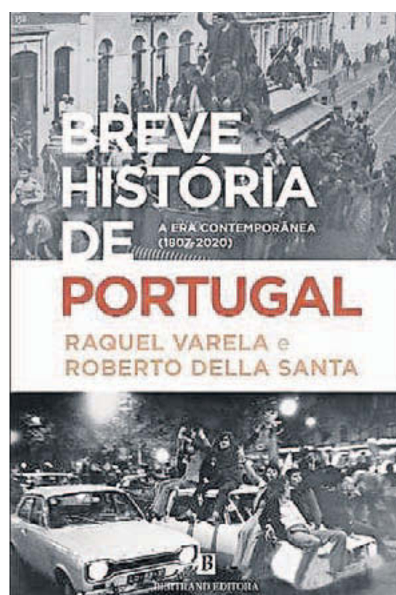


Direto à leitura
António Carlos Cortez

Uma leitura de portugal: um livro-problema

"Sem a história estamos fora do presente e, por isso, do futuro – a consciência histórica reconcilia-nos com nós próprios. Não como um tribunal ou um divã, mas com as possibilidades efectivas da transformação social. Para isso quisemos escrever este livro. Ser e estar no presente exige-nos confrontar o passado para perspectivar o futuro. E o ponto de partida para fazê-lo é este: qual é a história da formação social à qual se pertence? É preciso conhecer a própria história para ser parte dela como sujeitos." (p.17).

Assim entramos neste poderoso livro de Raquel Varela e de Roberto Della Santa: autores do incómodo, posto que heterodoxo e por isso mesmo essencial livro *Breve História de Portugal: a Era Contemporânea 1807-2020* e que a Bertrand, em boa e oportuna hora, publicou. O pensamento de Varela e de Della Santa – com o facto não despiciendo de este professor e investigador, por ser brasileiro e ter uma vasta experiência docente no seu país, ter uma perspetiva sólida sobre questões sociais que hoje se não podem pensar fora do recrudescimento das derivas totalitárias (com a Brasil a constituir um dos laboratórios do neo-fascismo) – não pode ser reduzido a uma simples cartilha socializante ou de teor esquerdista. Usar, para eventual ataque a um objecto de investigação sério e documentado tais armas de arremesso dirá mais de quem possa querer denegrir este livro e os seus autores, do que do labor que aqui se explana. É um livro que não deixa de dizer ao que vem e por que razões vem: "O leitor tem diante de si [um livro movido] a partir de três convicções dos autores: em primeiro lugar, todos os homens e mulheres são intelectuais, ainda que nem todos desempenhem a função de intelectual. O acto de pensar e de agir, de forma criativa e autónoma, está inscrito em todas as áreas da actividade humana, desde os fundamentos da linguagem à divisão do trabalho – e em todas as esferas relevantes da vida". Duas outras convicções: a constatação de que o mundo do trabalho obedece à lógica da hierarquia: haver quem mande e quem obedeça, estar centrado em relações de poder: entre quem governa e é governado, assim se estrutura a realidade social. Brecht, o dramaturgo alemão (e força dos argumentos de autoridade blinda o argumentário de muitos capítulos deste volume), serve a Raquel Varela e a Roberto Della Santa como maná do discurso que procuram divulgar: são historiadores comprometidos com a *res publica*, têm para si que, como defendeu o autor de *Mãe Coragem*, a seguinte premissa: "muito tempo não é sempre".



"Assim entramos neste poderoso livro de Raquel Varela e de Roberto Della Santa: autores do incómodo, posto que heterodoxo e por isso mesmo essencial livro *Breve História de Portugal: a Era Contemporânea 1807-2020* e que a Bertrand, em boa e oportuna hora, publicou."

De facto, se outra premissa, "Conhece-te a ti mesmo", vinda de Sócrates, e que animou o pensamento de Gramsci, igualmente mobiliza a força de pensamento deste livro-problema sobre Portugal, isso fica a dever-se ao facto de os autores constatarem, na senda das várias heterodoxias e utopias da modernidade, que a concepção do mundo é uma construção imposta aos subordinados, aos humilhados e oprimidos desse mundo. O caso que importa estudar neste livro é simples: o nosso país. Mas trata-se de pensar Portugal a partir dum quadro mais vasto de movimentos sociais: das invasões francesas aos movimentos socialistas e à grande força do sindicalismo no século XIX, da Iª República ao 25 de Abril de 1974, mas vindo até a momentos da nossa contemporaneidade: o fim do Pacto Social em 1986, a criação da "*Gerigonça*" (palavra que é criação de uma das figuras da direita e que minou, desde o princípio, a verdade da aliança entre partidos de Esquerda depois da *troika* e do Governo de Passos Coelho – e a linguagem importa, pois adjectivar assim uma aliança histórica é, sem dúvida, fazer doutrinação); a tese central de que a Revolução dos Cravos começou em África com os movimentos de independência na década de 1960; pensar, enfim, a ditadura de Salazar-Caetano e o Estado Novo à luz da ideologia bonapartista, fonte dos fascismos e, num conspecto crítico sobre finanças, movimentos associativos e revoltas do povo (estatísticas, transcrições de discursos, cruzamento das questões de história social com questões literárias – é magistral o capítulo sobre as *Conferências Democráticas do Casino* e a Geração de 70, impulsionadora do pensamento socialista em Portugal), muito do que aqui se diz deveria fazer-nos pensar no nosso presente à luz de uma tese verdadeira. Esta: com o intuito claro de as classes detentoras do poder manterem o monopólio económico do país, Portugal participa das grandes tensões de uma Modernidade que tem, na célebre alegoria de Walter Benjamin, o seu emblema: o Anjo da História olha as ruínas do tempo.



Ao integrarem os diversos capítulos deste volume numa grande angular histórica (que lembra as sínteses de Adam Schaff) subordinada a um pensamento social e socialista, e de que não estão ausentes perspectivas da verdadeira social-democracia (o fito de Olof Palme: uma política democrática e cristã, de facto e não de nome), este livro mostra-nos o Estado como instrumento real de afirmação da burguesia e expropriação dos meios de produção autónomos dos trabalhadores. O século XIX é, em Portugal, como na Europa, "o tempo transnacional das Revoluções do Sul": desenvolvimento do jornalismo, multiplicação da cultura letrada e livresca, dinâmica



ARQUIVO DN

> **Se, como disse um dia, Walter Benjamin, 'a história não faz nada, não condena nem absolve', certo é que – como defendem estes empenhados professores, investigadores e autores – 'o destino social [só mudou] por meio da autodeterminação, esta sim, foi a revolução nestes últimos duzentos anos' "**

Trata-se de pensar Portugal a partir dum quadro mais vasto de movimentos sociais: das invasões francesas aos movimentos socialistas e à grande força do sindicalismo no século XIX, da Iª República ao 25 de Abril de 1974

imparável do movimento corporativo de matriz socialista ou anarquista; revoluções que, no nosso caso, apesar de tardias, põem em confronto, na luta entre quem manda e quem obedece, a Igreja à burguesia ilustrada. Que se defendeu? A burguesia liberal a Utopia como projecto de futuro, Igreja e aristocracia de casta, a contra-revolução, o conservadorismo, a tríade pré-fascista Deus-Pátria-Família, na tentativa de cercear a imaginação como dínamo da acção política.

Esta é, sem dúvida, uma das pedras-de-toque mais instigantes desta *Breve História de Portugal*: entre a aristocracia militar e fundiária e a burguesia capitalista, a monarquia oitocentista espelha bem uma das traições das elites: foi a substituição de uma classe de linhagem antiga por uma outra classe de linhagem moderna o que veio a suceder-se. A manutenção dos privilégios de classe justifica o combate do século XX: burguesia vs trabalhadores. A Iª República, eivada de um progressismo corajoso (os investigadores vincam bem a ideologia fraternitária, o esforço por conferir à Mulher os mesmos direitos que ao homem se dão), não concretizou essa promessa de Antero: "O cristianismo foi a revolução do mundo antigo. O socialismo será a revolução do mundo moderno." A classe trabalhadora, o operariado (precisamente a Voz do Operário, fundada em 1889, funciona como símbolo agregador desse espírito crítico – José Mário Branco, em 2019 e Fausto Bordalo Dias, em 2024, ambos foram aí velados, num sinal de inequívoca consciência cidadã) debatem-se, como sublinham Raquel Varela e Roberto Della Santa, com a máquina tentacular da opressão: censura, perseguição das liberdades individuais, index, delação, instituição do medo como camisa de forças de onde os povos se não libertam a não ser por um esforço enorme de dar voz e corpo, sacrificando milhões de vidas, à liberdade como suprema meta da História e dos Povos.

Breve História de Portugal tem capítulos absolutamente marcantes: as páginas dedicadas à primeira greve geral do movimento operário português, a forma clara e directa como os autores explicam a lógica da mais-valia, o móbil da exploração salarial, a lembrança de nomes hoje ignorados pelos portugueses (da deportação do líder da Associação dos Trabalhadores Rurais de Évora, em 1912, José Sebastião Cebola, à morte, em 1972, de Ribeiro Santos, estudante universitário, até às grandes manifestações do professores em 2022-23, sem esquecer as cargas policiais da Ponte 25 de Abril a mando de Cavaco Silva, o rol da indignação e da luta do povo português é aqui rigorosa e apaixonantemente descrito e analisado), tudo converge para que este livro – que seja lido por muitos, por todos – constitua, hoje, em 2024, uma das pedras angulares daquilo que está inscrito na política como possibilidade de construção da Pólis: a Utopia. A explicação do porquê de termos participado na Iª Guerra Mundial; as sucessivas manifestações das classes trabalhadoras contra a carestia de vida (as greves, os desfiles de desempregados em Lagos, os trabalhadores de Setúbal abandonando os seus locais de trabalho contra a especulação do preço do pão; em Aveiro os combates de rua entre pescadores e GNR, esse ano de 1915, como outros, absolutamente movido pela indignação dos pobres), o racionamento, o açambarcamento, as greves sectoriais, a traição de Afonso Costa, o "racha-sindicalistas", muito do que lemos com Raquel Varela e Roberto Della Santa deve levar-nos a fazer uma pergunta: quando é que tomaremos nós, sem paternalismos de qualquer espécie, o nosso futuro nas nossas mãos? Mas a esta pergunta os autores não respondem… Ou melhor, respondem, mas pelas vozes dos poetas e dos romancistas (dos neo-realistas a Saramago, de Manuel da Fonseca às "Três Marias"); respondem escrevendo as páginas inspiradas sobre Antero e sobre a canção de protesto dos anos 1960/70 e quando, de forma sagaz, no final do livro, transcrevem memoráveis páginas da grande luta pela liberdade: "Qual o coração honesto de trabalhador que não se indignaria ante a ideia de servir de instrumento aos interesses dos seus inimigos naturais contra os seus amigos e irmãos de trabalho?" (p.450).

Se, como disse um dia, Walter Benjamin, "a história não faz nada, não condena nem absolve", certo é que – como defendem estes empenhados professores, investigadores e autores – "o destino social [só mudou] por meio da autodeterminação, esta sim, foi a revolução nestes últimos duzentos anos". Em 2024, à beira de uma guerra de contornos que podem ser apocalípticos e quando, mais uma vez, de Trump a Bolsonaro, de Órban a Putin, da China imperialista à Europa refém dos interesses de uma Comissão que se auto-elege em colégio interno, mais do que nunca, ler este livro e livros que nos despertam, é preparar já o fim dos sucessivos "estados de excepção". Não foi sempre em nome dos "estados de excepção" que, de Hitler à intervenção russa na Ucrânia, das ditaduras da América do Sul a Pol-Pot, da prisão e morte de Rosa do Luxemburgo aos campos de concentração e aos gulag, se defendeu a opressão como vida normalizada? "Precisamos de construir um conceito de história que corresponda à verdade", disse Benjamin. Raquel Varela e Roberto Della Santa perseguiram esse desígnio digno.

Professor, poeta e crítico literário


Daisy Ridley na sua "personagem mais jubilosa".

Trudy Ederle. Em 1926, ela foi a heroína americana

INSPIRAÇÃO A história da primeira mulher a atravessar o Canal da Mancha a nado está agora em filme, com Daisy Ridley a dar umas valentes braçadas. *A Jovem e o Mar* estreou-se no Disney+ e é um conto real inspirador, de um tempo em que o desporto pertencia aos homens.

TEXTO **INÊS N. LOURENÇO**

Foram 14 horas e 31 espantosos minutos que ficaram registados nos anais do desporto, a 6 de agosto de 1926. Antes de Gertrude Ederle (1905-2003), nenhum nadador conseguira alcançar esta marca temporal na travessia a nado do Canal da Mancha – muitos nem chegavam a meio do caminho, impedidos pela força das correntes ou em virtude de outros infortúnios. E porém, uma jovem americana de 20 anos, contra todo o sistema de expectativas da época, fez o impossível e teve direito ao maior desfile em homenagem a um atleta na história de Nova Iorque – as imagens de arquivo no final de *A Jovem e o Mar* comprovam-no, e é simplesmente impressionante que hoje em dia o seu nome seja tão desconhecido.

"Fiquei chocado por não conhecer esta história, porque foi um evento mundial quando aconteceu, há quase 100 anos. E, em muitos aspetos, provavelmente mudou o desporto feminino para sempre!", começa por dizer o realizador Joachim Rønning, em jeito de espanto partilhado, na conferência de imprensa virtual onde o DN marcou presença.

O filme com selo Disney, que já está disponível no seu serviço de *streaming*, é uma daquelas produções salutares para ver em família, que cumprem o desígnio de traduzir uma narrativa extraordinária em momentos mais ou menos convencionais, imbuídos de uma robustez inspiradora e comovente. Basta que se note, por exemplo, como o facto de Gertrude, ou Trudy, ter sobrevivido a um caso grave de sarampo em criança se conjuga com as suas proezas como adulta, entre muitas vitórias nacionais e uma grande frustração olímpica.

Tudo isso estava no livro *Young Woman and The Sea*, de Glenn Stout, e ganha agora uma feliz expressão dramática pela mão do norueguês, que antes assinou para os estúdios do Rato Mickey *Piratas das Caraíbas: Homens Mortos Não Contam Histórias* e *Malévola: Dona do Mal*, depois da aventura marítima *Kon Tiki – A Viagem Impossível*.

Diz o próprio: "*A Jovem e o Mar* é um filme que concentra o que procuro como realizador: é obviamente um drama, mas tem muito afeto, emoções, humor e, num certo sentido, é assustador. Tudo isto estava nas páginas do maravilhoso argumento do Jeff Nathanson [que adaptou Glenn Stout]. E sinto-me muito honrado e orgulhoso de ter feito parte do projeto, de ter tido a oportunidade de contar a história de Trudy às minhas filhas, que são adolescentes, e também às outras filhas por esse mundo fora."

Interpretada por Daisy Ridley, Trudy é mesmo um ser estimulante: "É a personagem mais jubilosa que já interpretei, o que proporcionou alegria no trabalho. É uma jovem tão determinada, que, honestamente, não vê as barreiras que toda a gente conhece – está apenas na sua jornada, no seu caminho para fazer aquilo que adora. Mas, para mim, o todo foi maior do que apenas a parte de interpretá-la", sublinha a atriz britânica, num painel que conta ainda com o produtor veterano Jerry Bruckheimer, sempre preocupado em referir o esforço físico de Ridley, a nadar em águas de muito baixa temperatura...

E ela reconhece: "Acabamos por ter uma compreensão momentânea daquilo que a Trudy fez. Quer dizer, deve ter sido tão difícil e solitário... Da minha parte, ficava feliz só por poder sair [da água] e aquecer-me de tempos a tempos." Palavras de quem se preparou para a personagem treinando com a medalhista olímpica Siobhan-Marie O'Connor.


A verdadeira Trudy Ederle.

O fator família

Apesar da sua heroica trajetória dentro de água, *A Jovem e o Mar* não se resume ao feito maior de Trudy Ederle. Trata-se de um *biopic* que procura dar contexto à personalidade desportiva focando um lar gerido e sustentado por pais imigrantes alemães. "Quis contar a história de Trudy pelos olhos da sua família", esclarece Rønning. "Porque a verdade é que eles estiveram sempre com ela. Além de que representam diferentes papéis na sociedade da época, com a opressão, os céticos, etc. Acho que a família é tão importante quanto a aventura e a façanha em si mesma."

Ideia corroborada por Ridley, que faz questão de realçar a natureza de qualquer filme *based on a true story*: "É uma versão do que aconteceu. O nado é real, mas claro que há aqui licenças criativas. Ou seja, tive uma oportunidade incrível de interpretar alguém que existiu, mas sobre a qual não havia informação suficiente para conhecer em detalhe as dinâmicas familiares. Como qualquer espectador saberá, o funcionamento interno de uma família é difícil de entender do lado de fora. Nesse sentido, explorei o que é real e documentado, com margem para imaginar como eram estas relações."

Sendo certo que, fora do ninho familiar, a estupenda personagem de Stephen Graham, o nadador Bill Burgess, foi de facto quem treinou Trudy na muito bem-sucedida travessia do Canal da Mancha. "Ele é o grande choque de energia do filme", diz Ridley. E nós concordamos plenamente.

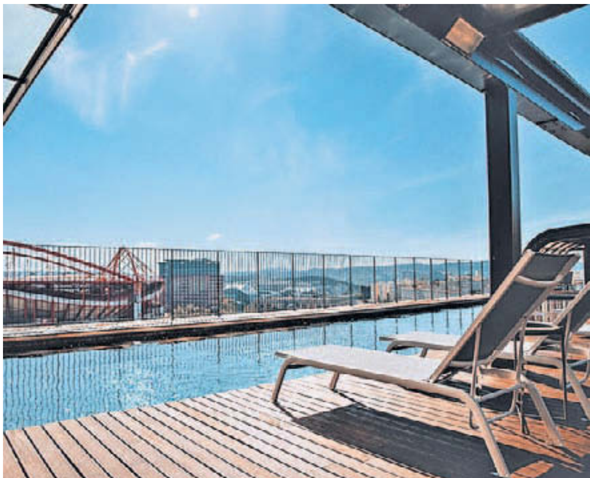
Ponha-se ao fresco na cidade

PISCINAS Agora que o calor aperta, a vontade de dar um mergulho aumenta (e as filas para a praia também). Que tal ficar pela cidade e aproveitar algumas piscinas de hotel abertas ao público? Em muitos casos até pode usufruir de refeições ligeiras.

Lisbon Marriott Hotel

O Lisbon Marriott Hotel tem um programa que inclui piscina e *brunch* (59 euros), e que é válido para todos os fins de semana até 1 de setembro. Assim, aos sábados e domingos, entre as 12.00 e as 20.00 horas é possível gozar bons momentos de lazer, até porque haverá também *sets* musicais a cargo de vários *DJ*. O menu foi preparado pelo *chef* Dominic Smart e é composto por uma grande variedade de pães, iogurtes, compotas, tábuas de queijos e charcutaria, além de saladas, que abrem o apetite para os pratos principais, dos quais se destacam frango assado com molho Huli Huli, bolinhos de salmão com molho de pimenta doce, massa *tagliatelle* com tomate cereja, azeitona preta, mini-*mozarella*, camarão e limão. Sem o *brunch*, o acesso à piscina fica por 35 euros.





Upon Lisbon

Situado nas proximidades do Estádio da Luz e com vista para o mesmo, o Upon Lisbon apresenta várias alternativas no que respeita à piscina. Aos domingos, entre as 11.30 e as 17.00 horas, poderá usufruir da experiência *Pool & Brunch*, que começa no restaurante Stay e que termina no *rooftop* e que custa 18 euros (*brunch*) e 10 euros (piscina). Já nas tardes de segunda a sábado, das 15.00 às 18.00 horas, o hotel disponibiliza o programa *Pool & Burger*, que inclui um hambúrguer com acompanhamento e uma bebida no restaurante e o acesso à piscina, por 25 euros (adulto) ou 17,50 euros (criança). Finalmente, para usufruir apenas da piscina, mas durante todo o dia, a oferta custa 35 euros.

Lumen Hotel

Começar o dia com uma ida a banhos e um pequeno-almoço com vista privilegiada para o centro de Lisboa. É esta a proposta do Lumen Hotel, em Lisboa, até 30 de setembro. Com o pacote *BreakPool*, a unidade hoteleira está aberta ao público em geral todos os dias durante a manhã, para a possibilidade de desfrutar da piscina vermelha do *rooftop* e de um pequeno-almoço: uma bebida fria (sumo natural ou *detox*), uma opção de padaria (sandes, torrada, tosta ou *bruschetta*) e uma bebida quente (café, galão ou chá). Mas atenção, as vagas são limitadas a um máximo de 10 pessoas que não estejam ali alojadas e apenas no período entre as 8.00 e as 12.00 horas. O valor é de 20 euros por pessoa, estando contemplado o usufruto dos balneários e de uma toalha, fornecida pelo hotel na altura do *check-in*, o acesso à piscina e o pequeno-almoço.



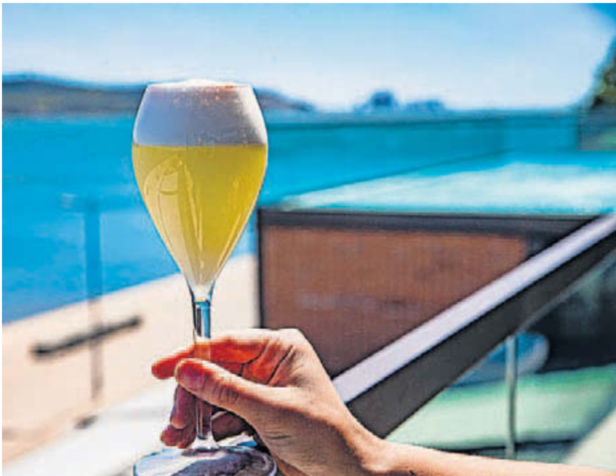


Sheraton Cascais Resort

O Sheraton Cascais Resort volta a oferecer este verão o já tradicional *Pool Brunch*, programa disponível aos fins de semana e que inclui um *brunch*, servido no restaurante Glass Terrace, entre as 12.30 e as 15.30, e usufruto da piscina até às 19.00 horas. Do menu constam diversas opções de saladas, de *street food* – *pizzas*, mini-hambúrgueres, mini-*hot dogs*, *wraps* e tortilhas –, e várias estações de *buffet*, dos ovos ao rosbife, além de sobremesas. A oferta custa 79 euros, sendo que as crianças dos 4 aos 12 anos pagam 39,50 euros. O *resort* disponibiliza ainda o programa *Sip & Soak*, que inclui um almoço leve, servido entre as 12.30 e as 15.30, e acesso à piscina até às 19.00.

SUD Pool Lounge

A piscina infinita que se esbate sobre o azul do Tejo oferece uma experiência única. Localizada no piso superior do SUD Lisboa Terrazza, em Belém, com vista para a Ponte 25 de Abril e para o Cristo Rei, o SUD Pool Lounge promete experiências diferenciadoras ao longo do dia, com *cocktails* de assinatura e *live-acts*. Os 95 euros dão acesso à piscina, à garantia de que tem uma espreguiçadeira para si o dia inteiro, a um serviço de *Finger Food Snack* com sumo natural e café e a um outro de *Light Snack* com flute de espumante ou *cocktail*, e ainda serviço de águas, utilização de balneário, cacifo, toalha e chinelos.




Diario de Noticias

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS JORNAIS PORTUGUESES

Aos lavradores

A VIAGEM DE AFONSO XIII AO VALE DE ARAN

O CONFLITO DA FEIRA DO PARQUE EDUARDO VII

ATRAVÉS DOS AÇORES

A TERCEIRA, ILHA DE TRADIÇÕES HISTORICAS

Angra, a cidade da luz—Rapida visão de historia politica—A nostalgia dum exilado—O trabalho na Terceira

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 20 DE JULHO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

O CONFLITO DA FEIRA DO PARQUE EDUARDO VII

REALIZA-SE HOJE O FUNERAL DE QUATRO DAS VITIMAS

Prossegue o inquerito para apuramento de responsabilidades

Não se desvaneceu ainda a dolorosa impressão causada em toda a cidade pelos tristes acontecimentos desenrolados na feira do Parque Eduardo VII. Ainda ontem muita gente ali foi observar os estragos causados pelas balas, comentando severamente, e com razão, o lamentavel conflito.

No quartel de Campolide o capitão sr. Cruz tem continuado o seu inquerito sobre o caso, ouvindo varias testemunhas. O cabo n.º 19 do 4.º esquadrão da G. R. (Campolide) queixou-se de que na noite do conflito, pelas 11 horas, ao passar na rua de Santa Marta, proximo do hospital, caminho da Avenida, lhe saiu á frente um policia disparando contra ele três tiros de pistola. Nenhum o atingiu. Valeu-lhe o pôr-se em fuga, meter-se numa escada e bater á porta de um locatario do predio, a quem expôs a situação, pedindo-lhe emprestada roupa para se vestir á paisana. Só assim conseguiu seguir para o seu quartel.

Sold. 51, do 4.º esq., morto no conflito

No governo civil já deu entrada a participação do cabo Gonçalves, comandante da força policial no momento do conflito.

O sr. dr. Crispiniano da Fonseca, director da policia de investigação criminal, ouviu por sua vez o cabo n.º 188, da 12.ª esquadra, os srs. José Nunes e Artur Aires, e varios guardas e feirantes. Na ultima madrugada compareceu na feira o comissario geral da policia, tenente-coronel sr. Ferreira do Amaral, acompanhado de 22 policias e um chefe, e ainda o tenente sr. Lopes Soares, comissario da 1.ª divisão.

Enquanto o tenente-coronel sr. Ferreira do Amaral se dirigia para o posto policial, onde se conservou enquanto durou a diligencia, o tenente sr. Lopes Soares passou com a sua força uma busca ao recinto.

O sr. comissario da 1.ª divisão entrou em todas as barracas, enquanto a força ficava formada defronte sob as ordens dum chefe, informando-se das pessoas que lá pernoitavam e mandando sair as restantes.

Os feridos, que se encontram no mesmo estado, foram ontem visitados pelo secretario do chefe do distrito.

Sob a presidencia do juiz auxiliar sr. dr. Alfeu da Cruz, servindo de peritos os srs. drs. Ferreira Marques e Neves Sampaio, efectuaram-se ontem as autopsias do chefe Pinheiro, dos civicos Antonio Pina e Carlos Ferreira Campelo e de Ricardina de Abreu, vitimas dos acontecimentos.

Pelas 11 horas da manhã realizam-se os funerais do chefe Pinheiro e dos outros agentes mortos na desordem, e ao meio dia o da infeliz Ricardina Perpetua de Abreu. No dos agentes encorporam-se um contingente de 40 bombeiros municipais sob o comando do chefe Almeida, os directores das policias de investigação, administrativa, de segurança do Estado e todos os seus subordinados. O prestito funebre sai do Necroterio para o Alto de S. João.

A feira não será encerrada —Um edital

O sr. dr. Alfredo Guisado esteve ontem no gabinete do governador civil consultando-o sobre uma proposta que tenciona apresentar na proxima quarta-feira á Camara Municipal encerrando a feira, pois que são inumeras as queixas apresentadas pelos moradores da Avenida Antonio Augusto de Aguiar contra varias scenas indecorosas de que têm sido testemunhas.

O governador civil respondeu que este ano era impossivel terminar com a feira, pois que varias casas de beneficencia emprestaram dinheiro para a construção de barracas e outras despesas, e o proprio cofre de beneficencia do governo civil tambem emprestou 5 contos, não citando as despesas feitas pelos feirantes. A feira deve continuar até ao dia 15 de agosto.

O almoço que o sr. dr. Filipe Mendes tencionava oferecer ontem no restaurante Tavares aos comandantes da G. N. R. e policia, não se realizou por motivo do tenente-coronel sr. Ferreira do Amaral se encontrar doente. Ficou o mesmo transferido para um dos dias da semana proxima.

Ontem apareceu profusamente afixado pela cidade o seguinte edital:

José Carlos, tenente de infantaria e comissario de policia da segurança publica de Lisboa, tendo sido encarregado por S. Ex.ª o comissario geral da mesma policia de proceder a um inquerito sobre os lamentaveis acontecimentos sucedidos na noite de 17 do corrente, vem por este meio convidar todos os individuos que tenham conhecimento dos mesmos factos a virem fazer as suas declarações á séde do comissariado geral, sita no governo civil, onde se encontra todos os dias uteis das 13 ás 17 horas.

CURIOSIDADES DE ESPANHA

A VIAGEM DE AFONSO XIII AO VALE DE ARÁN

Um pitoresco territorio espanhol quasi ignorado pelos espanhois

Sendo a curiosidade, o espirito de investigação, o anelo insaciavel de «saber», conhecidas caracteristicas do Rei de Espanha, devemos reconhecer que não obedeceu unicamente a estes impulsos a sua viagem ao Vale de Arán, do mesmo modo que a visita feita ha tempo á desolada comarca de Las Hurdes não foi a de um simples espectador: os habitantes daqueles lugares, apartados de toda a civilização, vivendo miseravelmente em uma terra pedregosa e estéril, estavam necessitados de um olhar misericordioso dos Poderes; o rei quis vêr por si proprio o que eram Las Hurdes e as suas vizinhas Las Batuecas, e a redenção desses povos infelizes está em marcha.

O caso do Valle de Arán é diferente em muitos aspectos: ao mesmo tempo que o governo tem ali iniludiveis deveres que cumprir, a presença do Chefe do Estado pode ter uma verdadeira importancia politica, incluso sob o ponto de vista internacional.

A recente viagem e permanencia da familia real na Catalunha teve por fim principal, evidentemente, conquistar para a nacionalidade o amor—o amor sem vacilações nem duvidas—dos povos daquela importantissima e laboriosa região, criando um ambiente propicio a desvanecer toda a veleidade de rebeldia. Esta viagem ao Valle de Arán será pois uma consequencia da primeira e obedecerá ainda a outras razões que o leitor verá mais adiante.

Contudo, esta comarca, encravada em territorio francês, limitando com os departamentos de Ariège e Alto Garona, com os seus 470 quilometros quadrados, as suas sete vilas, os seus vinte e quatro lugares, as suas seis aldeias e as suas vinte e nove freguesias e os seus sete mil habitantes, merece a visita dum espirito esclarecido, ávido de saber; e tanto assim é que durante o verão é vi-

ca, por ocasião da guerra da Independencia.

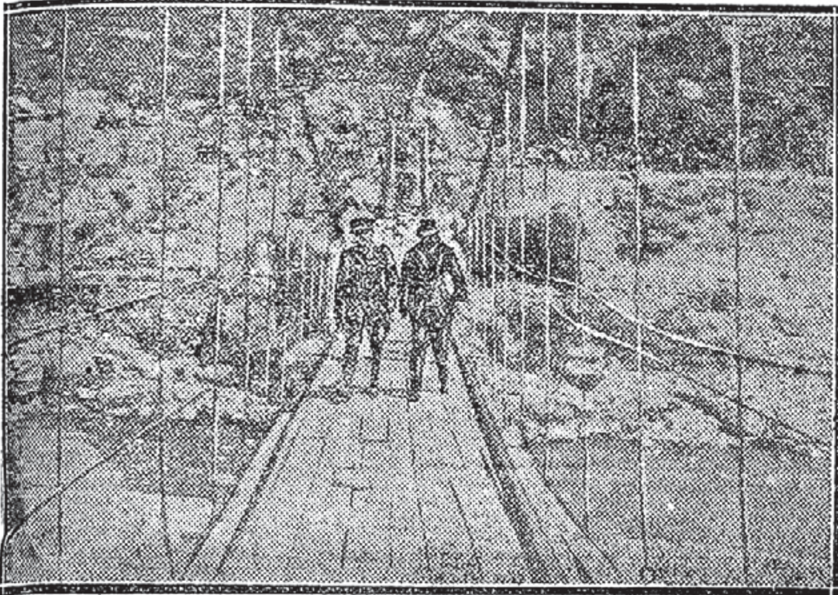
Em uma mensagem dirigida por um grupo de senhoras aranezas a um jornal madrileno lêem-se estas palavras:

«Nós, os aranezes, queremos estar em contacto sempre com a nossa mãe Espanha; não somos franceses, como alguem diz, mas sim muito espanhois, como o prova o facto de que os nossos irmãos não dão nunca contingente de desertores, apesar de ter a fronteira tão perto. Desertar, seria atraiçoar a Espanha, que se até agora nos teve olvidados, foi por obra dos maus governos.»

O Valle de Arán, que já anteriormente foi dominio dos espanhois, pertence de facto a Espanha desde 1659 (Tratado dos Pireneos). Goza varios privilegios desde muito remota epoca: o primeiro foi-lhe outorgado pelo rei D. Pedro, em Lérida, a 4 dos idos de julho de 1306, seguindo-se a este o privilegio chamado da «Querimonia», concedido por D. Jaime II em 1313. Tal foi o prestigio que adquiriu a comarca pelo seu comportamento perante as invasões, que Filipe V, em 1615, ampliou ainda os muitos privilegios que já então gozava. A isenção do papel selado é o ultimo privilegio concedido a Viella: data de 1735.

O Valle de Arán foi habitado desde tempos muito remotos; supõe-se que era um dos refugios naturais onde se retiravam as populações vizinhas, perseguidas pelas invasões pre-historicas. Nas montanhas proximas assinalaram-se alinhamentos graniticos, «cromlecs», «menhires», etc., etc., especialmente na margem esquerda do Noguera-Pallaresa. Os arqueologos encontraram ali inscrições, moedas, mosaicos, estatuas e destroços que demonstram a permanencia dos romanos no Arán. Uma estatua de Isis, ali descoberta, está no Museu de Toulouse.

A historia do Valle de Arán é confusa



No Vale de Aran

Afonso XIII atravessando o rio pela ponte pensil

sitadissimo por turistas, atraídos pela grandeza da paisagem, duma beleza majestosa. Os alpinistas encontram ali o melhor centro de excursões dos Pireneus, ponto de partida para a ascensão do pico de Aneto, a 3.404 metros de altura.

Arán era pouco conhecido, mesmo dos espanhois. Raros são os que sabiam que durante a maior parte do ano, ou seja nos oito meses em que persiste a invernia, aquele pedaço de Espanha está completamente incomunicado com o resto da nação, tanta é a neve que se acumula nas estreitas gargantas da montanha! Por esta causa, o serviço de correios faz-se em todo o tempo por França. A estação de caminhos de ferro mais proxima da capital araneza é a de Marignac, distante 40 quilometros desta.

Ha muitos anos que os aranezes solicitam a construção do caminho de ferro Noguera-Ribagorzana, que os porá em comunicação com o resto de Espanha; e nunca foram atendidos. Os aranezes têm riquezas que não podem explorar, por falta de comunicações! Abundam ali as minas de chumbo, manganés, ferro e carvão; dispõem duma força hidraulica que não podem utilizar; têm uma imensa riqueza florestal que se perde; contam com recursos para desenvolver a industria pecuaria e suas derivadas... Isto, sem falar da importancia politica e estrategica do desejado caminho de ferro.

Os habitantes do Vale de Arán são, em geral, como bons montanheses, francos, afectuosos e inteligentes. A sua linguagem é um misto do catalão espanhol e de um antigo dialecto do condado de Comminges; mas falam correntemente o francês e muito bem o castelhano, que só adulteram na confusão do «b» com o «v», e na anteposição do «a», nas palavras começadas em «r»: «arredondo», em vez de redondo, etc. Apesar do abandono a que os votaram os governos e de viverem na vertente francesa do Pireneo, são muito patriotas e afectos a Espanha, mantendo as tradições dos seus antepassados que, através dos seculos repeliram heroicamente mais de uma vez as invasões estrangeiras, como as de 1430, 1524 e 1597 (esta ultima acaudilhada pelo conde luterano de S. Jeronimo). Contudo não puderam evitar outras invasões, como as que sofreram durante as lutas calvinistas e, modernamente, a usurpação napoleoni-

até ao seculo XII; mas é positivo que este territorio já em 1119 pertencia á Corôa de Aragão, e que em 1389, por acôrdo das Côrtes de Monzón, passou a formar parte do territorio da Catalunha.

Não têm os araneses acompanhado os progressos modernos em muitas das suas manifestações: a sua industria limita-se a algumas fabricas de serrar madeira por processos mecanicos, outras de queijos, ainda outras de tecidos de lã e de canhamo e outras de menor importancia, como a moagem de cereais em moinhos antiquados. Pouco vale tambem a sua agricultura. O mais interessante para os araneses é a cria e comercio de gados. Mas que mais se pode exigir de uma comarca privada de comunicações com o país a que pertence e completamente isolada durante oito meses em cada ano?

E' esta situação que o Directorio e o rei se propõem remediar, não só pelos interesses nacionais que estão em jogo, mas pelas surpresas que podem surgir, no caso de continuar tal abandono.

Na Catalunha tem-se feito propaganda separatista, e alguns deputados do lado de lá dos Pireneos, entendidos com certos elementos de Barcelona e secundados por dois ou três jornais, têm impugnado a posse do Arán por Espanha, fundando-se especialmente na razão geografica e no pouco caso que em Espanha se tem feito daquele pedaço de terra secularmente espanhola, e sempre espanhola, através de todas as vicissitudes por que tem passado.

Por enquanto, esta campanha não tem encontrado éco no governo nem na opinião publica em França. Mas por alguma coisa se começa...

E, sendo assim, não parece aventurado atribuir a esta viagem régia á comarca espanhola perdida no mais abrupto da cordilheira pirenaica, onde a Natureza se espande com toda a sua majestade augusta, uma significação politica de não pouca transcendencia.

O soberano, em um breve discurso com que agradeceu as fervorosas aclamações daqueles povos, prometeu solenemente que as aspirações aranesas se cumprirão. E acresecntou: «como sempre se cumprem as palavras de Afonso XIII».

Madrid, Julho de 1924.

JOSÉ MARIA SANTOS

EUROMILHÕES SORTEIO: 058/2024
CHAVE: 15-22-35-44-48 + 6-7

M1LHÃO SORTEIO: 029/2024
1.º PRÉMIO: CJG 20941

NÃO DISPENSA A CONSULTA DOS RESULTADOS OFICIAIS

Administração do Alfeite demitiu-se

O Governo anunciou ontem que o Arsenal do Alfeite tem um novo conselho de administração, "após a renúncia", em 25 de junho, do anterior. Nesse dia, Nuno Melo pediu, no prazo de 30 dias, um conjunto de "possibilidades de saneamento da situação trágica financeira atual". O ministro da Defesa afirmou que recebeu o Alfeite "tecnicamente falido".



PEDRO ROCHA/GLOBAL IMAGENS

CM Lisboa aprova planos para igualdade de género, LGBTI+ e violência doméstica

PROPOSTA Entre os objetivos estratégicos estão, por exemplo, garantir a participação de meninas e raparigas ciganas no Sistema Educativo e diminuir as taxas de retenção.

A Câmara de Lisboa aprovou ontem os planos municipais, até 2026, para a igualdade de género, LGBTI+ (lésbicas, *gays*, bissexuais, transgénero, intersexuais e outros) e de prevenção e combate à violência contra as mulheres, violência doméstica e de género. Estes três planos municipais, a desenvolver entre este ano e 2026, foram propostos pela vereadora dos Direitos Humanos e Sociais, Sofia Athayde (CDS-PP), e apreciados e votados em reunião privada do Executivo camarário, para serem submetidos agora à Assembleia Municipal.

Entre os objetivos estratégicos estão garantir a participação de meninas e raparigas ciganas no Sistema Educativo; diminuir as taxas de retenção e desistência, em particular entre os rapazes, em todos os ciclos de estudo; promover a igualdade e não-discriminação na comunidade escolar; contribuir para a dessegregação sexual do mercado de trabalho; e promover a participação dos homens no trabalho não-pago doméstico e de cuidado.

Em relação à proposta Plano Municipal LGBTI, que foi aprovada com a abstenção de todos os vereadores da oposição e os votos a favor da liderança PSD/CDS, a ideia é "promover os direitos das pessoas LGBTI para um município mais igual e livre de violência e discriminação".

Entre as propostas está também o *III Plano Municipal de Prevenção e Combate à Violência contra as Mulheres, Violência Doméstica e de Género* (*III PMPCVMVDG*), que foi viabilizado com a abstenção dos Cidadãos Por Lisboa, PCP e BE, e os votos a favor da liderança PSD/CDS, PS e Livre, indicou fonte da autarquia.

Tendo como visão "assegurar que cada vítima de violência tem uma resposta adequada à sua situação, através da intervenção concertada da rede de parceiros", o *III PMPCVMVDG* tem como objetivos reforçar a proteção das vítimas de violência de género e de violência doméstica; criar uma rede articulada de respostas que corresponda às necessidades identificadas no município; reforçar as respostas de proximidade, nomeadamente na escola e na freguesia; e diminuir a violência contra as mulheres no quadro do objetivo de longo prazo – "Lisboa, livre de todas as formas de violência contra as mulheres.

DN/LUSA

BREVES

Dois mortos e um ferido em acidente na Concentração de *Motards* de Faro

Um acidente rodoviário entre dois motociclos fez ontem duas vítimas mortais e um ferido, perto do recinto da Concentração de Motos de Faro, que decorre até domingo. Em causa esteve uma colisão frontal entre duas motos, cerca das 17.15, na estrada de acesso à Praia de Faro, que também serve para aceder ao recinto da Concentração Internacional de Motos de Faro, precisou a fonte das Relações Públicas do Comando Territorial de Faro da GNR. "Antes de chegar à Rotunda do Caranguejo, que tem um parque de estacionamento de terra batida, houve uma colisão frontal entre dois motociclos, do qual resultou a morte dos condutores e um ferido grave, uma outra ocupante que ia à pendura", disse o capitão António Ramos. O acidente deu-se na Estrada Municipal 527-1, que liga a Rotunda do Aeroporto Gago Coutinho à rotunda de acesso à ponte da Praia de Faro, e "houve a necessidade de cortar a circulação rodoviária na via para a remoção" dos destroços e o levantamento dos cadáveres.

Novo aeroporto. Governo reuniu-se com a ANA para preparar trabalhos

O ministro das Infraestruturas e Habitação e o secretário de Estado das Infraestruturas reuniram-se ontem com o Conselho de Administração da ANA – Aeroportos de Portugal no âmbito dos trabalhos do novo aeroporto de Lisboa, segundo um comunicado. "O encontro formaliza mais um passo no cumprimento dos compromissos do contrato de concessão com a ANA", com o objetivo do "desenvolvimento dos trabalhos preparatórios para iniciar a construção do Aeroporto Luís de Camões", lê-se na nota. "Na reunião foram abordados aspetos já dados como decisivos para a elaboração do relatório inicial sobre o desenvolvimento da capacidade aeroportuária para Lisboa, no âmbito do contrato de concessão do Estado com a empresa, que será entregue até final de 2024", destacou a tutela. Segundo o ministério, a reunião surge após uma carta enviada pelo Governo em 17 de junho, que dá início à contagem de prazos para a construção do aeroporto e após uma primeira visita técnica ao Campo de Tiro de Alcochete.





Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt



